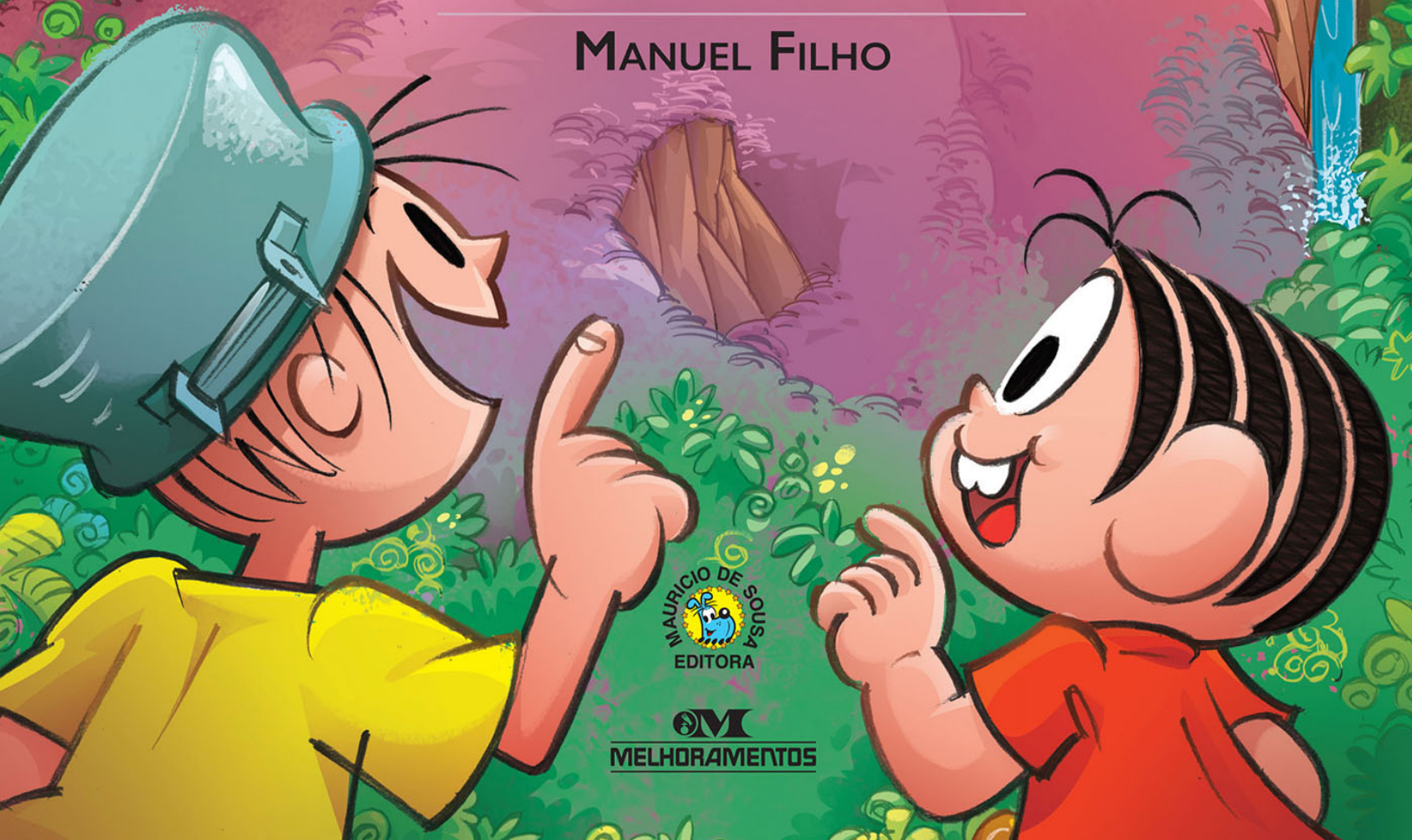


MAURICIO DE SOUSA - ZIRALDO

MMMMM

MÔNICA e MENINO MALUQUINHO na MONTANHA MÁGICA

MANUEL FILHO



MAURICIO DE SOUSA
EDITORA

OM
MELHORAMENTOS

MAURICIO DE SOUSA - ZIRALDO

M M M M M

MÔNICA e MENINO MALUQUINHO na MONTANHA MÁGICA

MANUEL FILHO



Sumário

Introdução

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Último capítulo

Sobre os autores

Créditos

Introdução

Como eu conheço a Mônica e o Menino Maluquinho desde muito pequeno e sempre me encantei por suas histórias, acredito que fiquei um dos amigos mais íntimos dos dois.

Li tudo sobre eles e suas turmas. E sempre imaginava como seria se os dois vivessem uma aventura juntos... Até que um dia, eu, que acabei também me transformando em um contador de histórias, recebi um convite irrecusável.

Imagine a minha alegria quando eu descobri que poderia escrever este livro. O Ziraldo e o Mauricio deixaram que eu inventasse uma história com os personagens deles que nós tanto amamos!

Foi então que me lembrei que, quando eu era criança, na biblioteca do meu avô, me deparei com um livro chamado *A Montanha Mágica*. Pensei que fosse infantil – com este título! – e fiquei espantado ao descobrir que meu avô poderia gostar de literatura para crianças. Tive que subir numa escadona, pois o volume estava lá no alto. Mas não era um livro para crianças. Não tinha figuras e a história não era nada infantil. Era um romance escrito pelo alemão Thomas Mann. De todo jeito, achei muita coincidência encontrar esse livro justo no dia em que meu avô combinou de levar meus amigos e eu para visitar a serra que rodeava nossa cidade. Lá havia um lugar cheio de mistérios que o pessoal chamava de Montanha Mágica. Isso é que é avô! Foi esse passeio que acabou me dando a ideia para escrever esta história!

E lá vamos nós, quer dizer, a Mônica e o Maluquinho é que vão...

Manuel Filho



Foram dez letras que chegaram de repente, e o Menino Maluquinho achou até que tivesse levado um choque!

“O que foi isso?”, pensou ele. “Será que entrou alguma coisa na minha panela?”

Dentro dela não havia nada, mas na cabeça dele tinha nascido uma novidade.

Uma maluquice? Uma nova ideia? Uma filosofia do avô?

Não, pelo contrário, ou quase. Vai saber o que é sonho, verdade ou fantasia?

O fato é que na mente do menino haviam entrado letras inesperadas e ele estava considerando aquilo bastante divertido: **E A M P P A E R R S.**



—**S**ansão, acho que você está mesmo um pouquinho encardido! — disse Mônica ao observar seu coelhinho.

Ainda naquela manhã, logo após ter sido chamada de dentuça, a garota tinha acertado em cheio a cabeça do Cascão com uma bela coelhada.

— Só pode ser isso. A sujeira dele ficou em você! — lamentou ela.

Pronta para levá-lo a um delicioso banho, Mônica viu quando caiu um pouco de sujeira sobre a cama. Então, algo estranho ocorreu: aqueles grãos de poeira pareciam se ordenar ao longo do lençol. De repente, ela viu uma porção de letras sem nenhum sentido: **Ã G I O S S M O A**.

“Será que isso é mágica? Ilusão? Brincadeira?”, pensou.

Curiosa, anotou aquelas letras em um pedaço de papel. Porém, decidiu deixar o assunto para depois. Ela tinha outra coisa muito mais importante a fazer.

Mas esta história não começa por aqui!

Até poderia... Sei lá... Como é que se principia uma história?

Dá para recomendar uma que já foi iniciada?

Isso já aconteceu em algum momento?

Se esta já iniciou, ela está prosseguindo ou recomendo?

Será que tem botão para reiniciar história?

E, se tivesse, onde ficaria?

A verdade é que não começou aqui mesmo, foi só um pouquinho antes...

Então, melhor retornar, só não vale esquecer este primeiro início!

Tudo isso parece maluquice ou ideias de quem está meio atordoado...

Mas, vá lá.

O segundo começo começa agora!

OGSINOS
PAVW
ERR

CHEGOU SUA VEZ DE CONHECER A **MONTANHA MÁGICA!**

UM LOCAL INCRÍVEL,
COM CACHOEIRAS,
FLORESTAS INTOCADAS E
CAVERNAS MISTERIOSAS,
CHEIO DE SEGREDOS
FANTÁSTICOS
E MUITA DIVERSÃO.

AH, E O PRINCIPAL: NELA, TODOS OS SONHOS PODEM SER REALIZADOS!

Lembre-se: são apenas **DUAS** chances, mas são especiais!
Os felizardos poderão escolher quatro amigos. Isso mesmo!

QUATRO AMIGOS para acompanhá-los nessa fantástica aventura.

Serão cinco dias no lugar mais impressionante de todo o planeta!

Se encontrar um dos bilhetes dourados com a inscrição

BEM-VINDO À MONTANHA MÁGICA!, você venceu!

BOA SORTE!

E foi assim que, depois de milhares de barras de chocolate devoradas, ouviu-se o primeiro e estrondoso grito!

– Achei! **EU VOU PARA A MONTANHA MÁGICA!**

De repente, foi um tal de carrinho de rolimã escorregando sozinho, de fubecas se espalhando, de pipas se perdendo no céu, de camas de gato se desfazendo... Parecia o fim do mundo das brincadeiras.



Muitas crianças pulavam animadas ao redor do garoto que disse aquela frase:

– Sério, Maluquinho? – perguntou Lúcio, que até deixou seu livro favorito de lado. – Você achou o bilhete dourado?

O Menino Maluquinho exibia alegremente o bilhete em meio aos amigos. Todos queriam vê-lo para acreditar que era mesmo de verdade.

– Ganhei! – gritava ele sorridente. – Vamos todos visitar a Montanha Mágica!

– Como assim todos? – questionou Junim interrompendo a felicidade geral. – Não pode ir todo mundo. O regulamento é muito claro: o vencedor vai ter que escolher quatro amigos, e só!

As crianças olharam feio, mas Junim sabia que estava certo.

– É isso mesmo, Maluquinho – confirmou Sugiro Fernando. – Você vai ter que escolher apenas quatro.

– Mas eu quero levar todos – reclamou o Menino Maluquinho. – E agora? Sim... E agora?

– Gente, **BABADO!**

Só mesmo os vizinhos ouviram o berro de Denise em tempo real; porém, ele ecoou rapidamente pelas redes sociais!



“A ‘fortinha’ do bairro do Limoeiro achou o bilhete dourado”, digitou ela, mais depressa do que a “fortinha” do bairro demorou para abrir o chocolate e encontrar o prêmio.

Mônica, em seu quarto, escutou um aviso de “mensagem recebida” vindo do computador, ainda atônita, observando o bilhete dourado em suas mãos. Só voltou à realidade ao ser surpreendida por uma voz familiar.

– Foi comer um chocolate e nem chamou a melhor amiga! – reclamou Magali, debruçada na janela e olhando Mônica com o bilhete na mão.

– Eu acabei de abrir, não consigo acreditar que...

Magali já havia entrado no quarto e se preparava para dar uma mordida na apetitosa barra, quando ambas perceberam um barulho anormal. Daí, colocaram a cabeça para fora da janela e levaram o maior susto!

– O que está acontecendo?! – exclamou Mônica, impressionada.

O Menino Maluquinho tinha um problemão. Como escolher apenas quatro amigos para aquela aventura? Todos queriam ir.

Foi então que, de repente, um doce perfume surgiu no ar. Do nada, os meninos foram cedendo passagem a alguém que se aproximava. Sim, era Shirley Valéria, que sussurrou no ouvido do Maluquinho:

– É só levar a menina mais linda do mundo: eu! Não precisará de mais ninguém.



Ela raramente conversava com o Menino Maluquinho, que quase disse SIM ao pedido dela. Porém, outros amigos ofereceram soluções diferentes.

- Tem que levar o melhor amigo – falou Bocão.
- E a irmã do melhor amigo – aproveitou Nina.
- Ou o mais inteligente – afirmou Lúcio.

Julieta, observando toda aquela situação, não teve dúvida. Colocou-se diante do Maluquinho e declarou com todas as letras:

- Tem que levar a **NAMORADA!**

Maluquinho, percebendo que aquilo iria virar uma grande confusão, anunciou:

– Já sei o que vou fazer! Esperem um pouquinho.

– O que será que o Maluquinho vai aprontar? – perguntou Carolina ao vê-lo retornando para a casa dele, misterioso.

Diante da casa da Mônica havia uma pequena multidão formada por amigos e por ilustres desconhecidos.

– De onde saiu toda essa gente? – questionou ela.

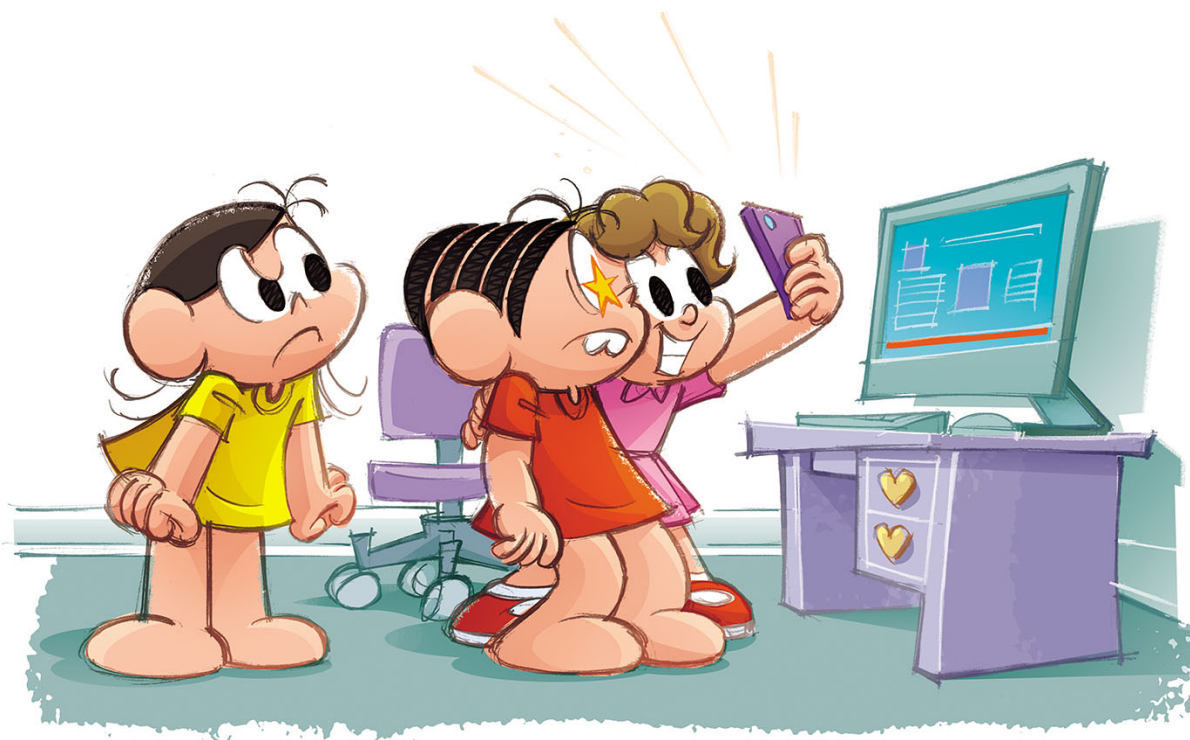
– Isto explica direitinho – respondeu Magali, apontando para a tela do computador. – Denise já publicou em tudo quanto é rede social.

– Mas como ela descobriu se eu não tive tempo de...

– Relaxa, fôfis! – disse Denise, já dentro do quarto da Mônica. – Tenho o roteiro pronto! Sua turnê estreia no Shopping Limoeiro. Lá, você anuncia que iremos nos divertir na Montanha Mágica, ou MM, e...

– Como assim, nós? – perguntou Mônica. – Eu nem pensei nisso ainda!

– Por isso estou aqui – afirmou Denise. – Vamos tirar uma *selfie* AGORA! – O *flash* quase cegou a Mônica. – Você não ficou bem, mas eu fiquei ótima. Serve! Vai bombar!



– Denise, peraí, eu não disse que vou levar você!

A garota, **C-H-O-C-A-D-A**, argumentou:

– Como não? E os *posts* e as *lives*?! Nossa foto já tem um montão de curtidas. Imagina quando eu surgir linda na MM? Vai quebrar a internet. Só falta me dizer que vai levar essa magrela comilona.

Magali e Denise começaram a discutir. Sabendo que deveria tomar uma atitude, pois a multidão aumentava cada vez mais, Mônica avisou, decidida:

– Parem com isso, eu já sei exatamente o que fazer!

Maluquinho voltou para a calçada com uma tesoura e um pedaço do papel dourado e gritou:

– Vamos fazer um sorteio!

– Sorteio? – reclamou Junim. – Eu nunca tenho sorte, já perdi!

– Acho justo! – falou Lúcio. – Oportunidade igual para todos.

– Eu concordo – ponderou Carolina. – O Menino Maluquinho foi, de certa maneira, sorteado. A gente também vai passar pela mesma prova.

Como a maioria aceitou a proposta, o papel dourado foi cortado em pedaços rigorosamente iguais. Feito isso, cada um escreveu o próprio nome, mas Herman tentou inserir três iguais no saco do sorteio. Depois de uma boa conferida, todos tiveram que entregar apenas um papelzinho diretamente para Nina.

E, a fim de que tudo fosse ainda mais transparente, o Menino Maluquinho chamou o avô para fazer o sorteio.

– Agora, sim! – disse o Menino Maluquinho. – Por mim, eu levava todo mundo, mas, já que não pode, é assim que vai ser! Vamos lá, vovô, valendo!

O avô enfiou a mão no saco, misturou um pouco, tirou um papel, abriu-o e anunciou em voz alta:

– O primeiro nome de quem acompanhará meu neto Maluquinho nessa fantástica aventura é...



– Já sei como resolver tudo! – disse Mônica.

– Como? – entusiasmou-se Denise, aproveitando que Magali tinha ido até a casa dela para ver se o almoço estava pronto. – Um concurso de memes, a melhor *hashtag*?

– Nada disso – respondeu Mônica. – Essa multidão aí fora só veio porque você publicou que eu achei o bilhete, não foi?

– Eu sou popular, fôfis!

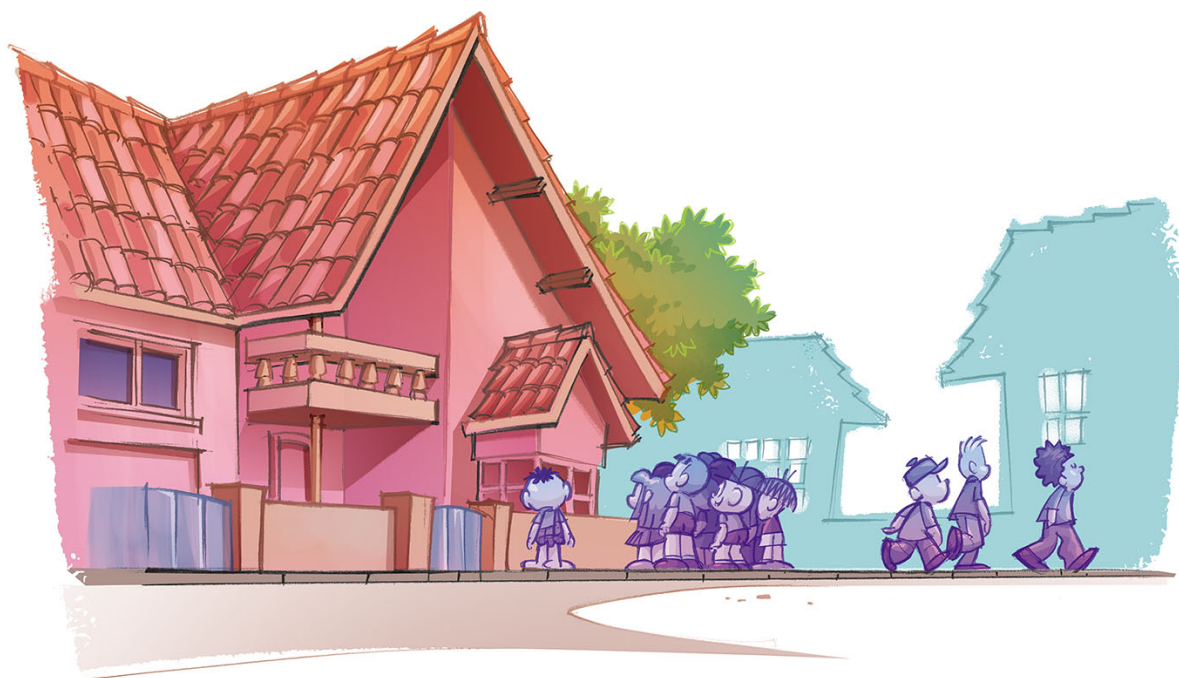
– Então, talvez você conheça toda essa gente, mas eu não! – afirmou Mônica. – A regra da promoção diz que eu tenho que levar somente meus amigos. Assim, pode soltar nas suas redes esta mensagem que eu escrevi.

– Mas isso aqui é o fim da sua carreira social! – reclamou Denise ao ler o texto. – Vai ficar com pouquíssimos seguidores...

– Eu sempre soube quem são meus amigos de verdade. Então, quem não for, não vai comigo, oras.

Denise, indignada, postou a mensagem e, de repente, os que aguardavam diante da janela começaram a reclamar; aos poucos, foram embora, esvaziando a rua. Finalmente restaram os que eram, sem qualquer dúvida, amigos especiais.

Pronto, estava decidido quem iria à Montanha Mágica com ela.





Bem, esta nossa história já começou, recomeçou, continuou e parece que alguma coisa bastante importante vai acontecer.

Será?

Até o momento, ninguém conhece os amigos escolhidos.

Esta história está um pouquinho diferente. Será que as duas turminhas se conhecem?

E tem outra. Não dá para ficar interrompendo a aventura a toda hora e perguntar: “O que está se passando?”. Talvez seja melhor prosseguir e descobrir logo o que existe na Montanha Mágica.

Mas sabe o que é interessante? Está faltando algo por aqui que quase todo livro tem.

O que será?

Ora, capítulos! Estão faltando capítulos. Acho que, com eles, esta história estará totalmente organizada.

Então, é só criar o primeiro capítulo com uma letra caprichada e seguir adiante.

Isso seria bem possível, mas, antes, já que este livro é meio maluquinho ou parece escrito por alguém que levou uma coelhada, é preciso entender o que aconteceu lá atrás, quando o Menino Maluquinho e a Mônica se depararam com aquelas letras esquisitas.

Depois disso, dá para continuar a história direitinho, sem idas e vindas, na ordem.

Então, vamos lá, mais uma voltinha no tempo, e, na sequência, o capítulo número um.

A hora de partir se aproximava e o Menino Maluquinho queria se despedir do avô. Ele correu até o quarto dele, mas não o encontrou. De repente, um livro de lombada bem grossa na estante chamou sua atenção: *A Montanha Mágica*.

Interessado, o garoto puxou o exemplar e ficou bastante decepcionado. Não havia figuras. Enquanto ele se esforçava para guardá-lo, o avô apareceu na porta.



- O que você está fazendo, Maluquinho?
- Tentando guardar este livro pesado na estante.

– Deixa que eu guardo! Ah, ele é muito valioso.

– Valioso? Vale quanto?

– Não é valioso nesse sentido, mas no que guarda dentro dele. O que um livro tem de valor está gravado em suas páginas, e qualquer um pode pegar, basta querer.

– Ele conta a história da montanha para onde estou indo?

– Mais ou menos – respondeu o avô. – É que esse livro foi encontrado perto dela há muitos e muitos anos e, por causa dele, a montanha ganhou o nome que tem. Adorei a ideia de levar para lá somente quem achou o bilhete dourado. Eu me lembrei de um antigo filme que foi inspirado por um livro escrito por Roald Dahl.

– Qual filme? – interessou-se Maluquinho.

– *A Fantástica Fábrica de Chocolate* – respondeu o avô. – Nessa história, as crianças que encontrassem o bilhete dourado eram levadas para conhecer uma fábrica mágica de chocolates, controlada por um homem misterioso. Ele não aceitava trapaça.

– Deve ter sido uma aventura no mínimo gostosa – disse Maluquinho, lambendo os lábios e se lembrando de que ainda tinha um monte de coisas para fazer antes de partir.

O avô quis dizer algo mais, no entanto o garoto disparou em direção à porta. Foi nesse momento que ele sentiu o tal do choque que lhe encheu a cabeça de letras. E que virou um grande mistério...

Mônica estava muito feliz. Agora que já havia escolhido os amigos, bastava pensar na diversão. Sabia que seria uma experiência inesquecível.

A realização de um grande sonho! Sonho? Será que um sonho que se vive acordado é mesmo sonho?

“Que pensamento complicado”, refletiu ela. “De onde veio isso?”

Mônica adoraria levar todos os amigos para a aventura, porém, isso não dependia dela. Quem mais ficou chateada foi a Denise, claro.

– Ah, Denise, se eu pudesse, eu levava você, mas... – Mônica procurou consolar a amiga. – Vou trazer um monte de material exclusivo só para

você. Fofocas que ninguém mais vai ter!

– Melhor do que nada – conformou-se Denise. – Então, tá. Pega isto aqui!

– O que é isto? – perguntou Mônica ao receber um bloco de anotações.

– Um dossiê sobre a montanha.

– Doce? Vou esconder antes que a Magali volte e...

– Eu não disse doce, falei dossiê. Aff! Isto aqui, gorducha, quer dizer, “fortinha” do bairro do Limoeiro, são anotações com TUDO o que eu achei na internet e que você vai precisar saber a respeito da MM. Se não achasse nada interessante durante o passeio, eu poderia compartilhar essas histórias aí. Agora, já vou. Detesto despedidas, principalmente quando eu não faço parte delas!

E, tão rápido quanto surgiu, Denise desapareceu. Agora, finalmente, Mônica poderia pensar nos preparativos da viagem.

Revirou o guarda-roupa e decidiu que levaria somente os vestidos vermelhos.

Achou que estava tudo pronto quando, de repente, olhou o Sansão. Claro que iria levá-lo, apenas lamentou que ele estivesse um pouquinho encardido. Ao sacudi-lo para tirar um pouco da sujeira, caiu sobre sua cama aquele punhado de poeira que exibiu as tais letras inesperadas. Outro mistério daqueles!

Agora, sim! Vai começar o primeiro capítulo deste livro que terá páginas e páginas cheias de palavras, às vezes sem palavras, mas sempre com personagens incríveis, repleto de aventura! Momentos para chorar, rir, cantar, aplaudir...

Xi, acho que aconteceu um exagero aqui. Está parecendo anúncio de novela.

Melhor parar logo com isso e iniciar o primeiro capítulo que vai se chamar: Capítulo UM.

CAPÍTULO UM

— **V**ocês viram a cara da Shirley Valéria? — perguntou Bocão, que parou de olhar a paisagem pela janela por um segundo.

— Não deu tempo! — debochou Julieta. — Ela ficou muito brava quando não foi sorteada e voltou para casa rapidinho.

— Ela reclamou que não queria ir mesmo — completou Junim —, “porque só tinha gente feia no grupo”.

— Eu acho este grupo bastante bonito — riu Lúcio.

— E eu concordo — falou o avô, que resolveu levar os felizardos e sorteados amigos do Maluquinho para a Montanha Mágica, já que nenhum outro adulto se encontrava disponível. Não era muito longe e, assim, ele também matava a saudade de pegar a estrada e iria conhecer novas paisagens.

O sorteio tinha sido uma ótima opção, pois alguns dos grandes amigos do Menino Maluquinho foram contemplados: Julieta, Bocão, Junim e Lúcio.

Quase ao mesmo tempo, por uma estrada oposta, uma van transportava outra animada turminha. Quem passasse por perto, provavelmente escutaria a canção: “Sou a Mônica, sou a Mônica, dentucinha e sabichona! Sou a Mônica...”.



– Salve a **golducha!**
– Cebolinha – avisou Mônica –, da próxima vez, você vai se ver comigo!
– Foi sem querer, Mônica! – tentou explicar o Cascão. – Estamos contentes!

– Preciso de ar! – queixou-se Franjinha. – Tem um cheirinho meio forte aqui.

As janelas foram abertas e Cascão nem reclamou. Bidu, que também acompanhava a turma bem protegido no colo do dono, ficou agitado. Se Franjinha não o segurasse, ele certamente colocaria a cabeça para fora da janela.

– Falta muito para chegar? Estou com fome! – reclamou Magali.

– Calma! – pediu o pai da Mônica, que guiava a van. – Já estamos pertinho.

Mônica estava contentíssima com os amigos que tinha escolhido. O único problema era que ela não conseguia se esquecer da conversa com Denise. Nunca viu alguém reclamar tanto.

Mônica não mudou de ideia e pediu a Denise que postasse a mensagem perfeita:

“More, se você não deu mais do que cinco nós na orelha do coelhinho da ‘fortinha’ do Limoeiro, pode sair da fila”.



Cebolinha e Cascão demoraram para acreditar na notícia. Entretanto, no final, não havia ninguém mais que preenchesse aquele quesito tão bem quanto eles.

E ainda apareceu um convidado de última hora, mas fundamental. Quando Franjinha descobriu que poderia ir, fez o seguinte pedido:

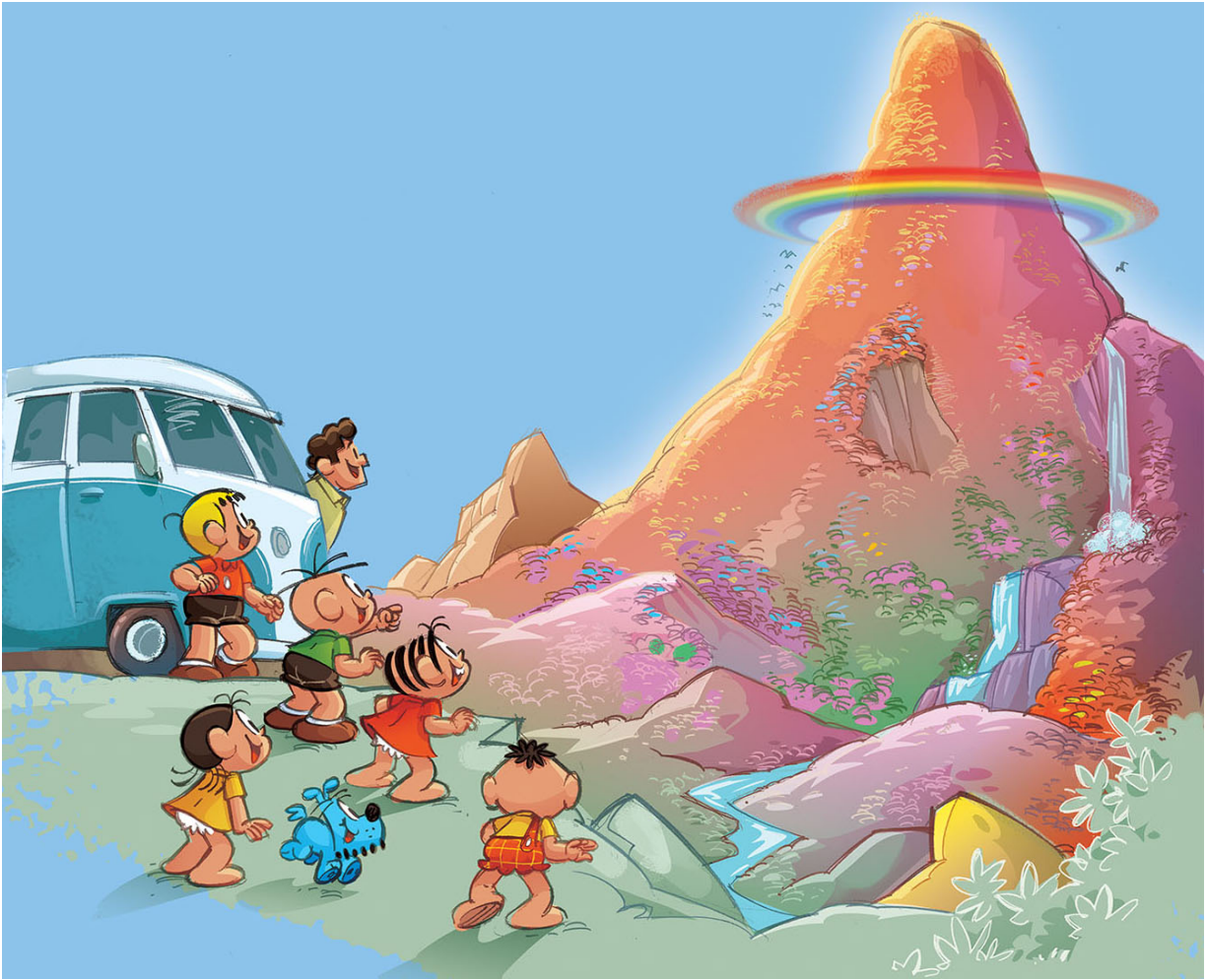
– Posso levar o Bidu? Ele vai adorar ir com a gente.

Como o regulamento não falava nada sobre animais, ela achou que não haveria problema. Bidu, afinal, sempre foi companheiro de toda a turma, e era impossível esquecer que ele tinha ajudado a construir uma chaminé durante uma bela noite de Natal.

E assim foi.

– Pronto, chegamos! – avisou o pai da Mônica, que ficou bastante feliz, pois ele já estava com os ouvidos doendo de tanto escutar “Sou a Mônica, Sou a Mônica...”.

Todos desceram rapidamente da van e se depararam com a montanha mais linda que já tinham visto em toda a vida. Ela era imensa, forrada por vegetação colorida. Havia árvores de variados tamanhos e diversas flores. Podia-se ouvir o canto de algumas aves e, esforçando-se um pouco, o som de um curso de rio ou uma bela cachoeira! E, completando, havia um arco-íris circundando-a no topo.



Um imenso portão formado por barras exatamente iguais impedia o acesso. Do espaço que existia entre elas, era possível observar um caminho sinuoso que seguia para o alto.

– O que é aquilo ali preso no portão? – perguntou Cascão, apontando para uma estranha placa que balançava ao vento.

Franjinha a segurou e leu:

ABRE NA HORA CERTA.



– Que **estlanho**! Qual **selá** a **hola celta**?

– Só espero que não demore muito, estou ficando com fome – desejou Magali.

Decidiram retirar as mochilas da van, quando, de repente, Mônica escutou algo que a deixou indignada. Não aguardava uma recepção como aquela justamente em uma viagem que parecia ser tão legal!

CAPÍTULO DOIS

– **V**ocê que é a dentucinha?

Mônica ouviu uma voz de garoto. Virou-se e o que viu primeiro foi o Cebolinha e o Cascão rindo. Em seguida, notou um menino com um sorriso enorme e uma panela na cabeça.

– O que foi que você disse? – perguntou ela bastante desconfiada.

O menino se adiantou e falou animado:

– Estes são os meus amigos: Julieta, Bocão, Lúcio e Junim! Eu sou o Menino Maluquinho. Você é a dentucinha?

– Sou... quer dizer... – atrapalhou-se Mônica. – Mas... peraí! Por que você está me chamando assim?

– É que nós também acabamos de chegar e escutamos vocês cantando. A gente nem via a *van*, mas já dava para ouvir. Vocês cantam bem alto.

O pai da Mônica coçou os ouvidos, concordando com o Menino Maluquinho.

– Ah, eu sou a Mônica! Estes são os meus amigos: a Magali, o Cebolinha, o Cascão, o Franjinha e o Bidu.

Ao ver o cachorrinho, o Menino Maluquinho o chamou e saíram os dois correndo por um campo gramado que havia no local.



– Bidu, volta aqui! – gritou Franjinha.

– Vamos atrás dele! Vem, Careca – disse Cascão para Cebolinha.

De repente, todas as crianças corriam atrás do Bidu, que parecia se divertir mais do que todos eles.

– Tive uma ideia – anunciou o Menino Maluquinho.

– Qual? – perguntou Julieta.

– Vamos jogar bola! Já temos dois times, quatro pra cada lado e dois goleiros.

– Eu não **quelo** ficar no gol. Eu sou **altilheilo** – falou Cebolinha.

Aquela ideia repentina parecia bem maluquinha, mas não é que funcionou? Enquanto eles decidiam qual era o lado de cada time e quem ia fazer o quê, o pai da Mônica e o avô do Maluquinho conseguiram alcançá-los. Ao vê-los, Maluquinho avisou:

– Meu vô vai ser o juiz e o senhor vai ser o gandula.

O pai da Mônica imaginou que teria que correr atrás de muitas bolas chutadas para fora, mas intuiu também que a garotada seria sempre mais rápida e, portanto, ele poderia descansar um pouquinho depois da viagem. De qualquer forma, ainda teriam que aguardar pela **HORA CERTA** até que o portão fosse aberto, e ninguém tinha noção de quando seria aquilo.

O jeito era esperar e, o melhor, se divertir.

E foi assim o encontro daquelas duas turminhas. Fizeram amizade e partiram para a brincadeira tão logo se encontraram, como se fossem

velhos e conhecidos amigos... Ou, quem sabe, talvez já fossem mesmo!

CAPÍTULO TRÊS

O jogo teria durado a tarde inteira, mas, antes que alguém pudesse saber quem venceria aquela partida, uma sirene tocou.

– O que foi isso? – perguntou Julieta.

Magali, deslizando a mão pela barriga, desejou:

– Tomara que seja o sinal do lanche.

Deixaram o campinho de lado e seguiram o som, que provinha da entrada da Montanha Mágica. A sirene só parou de tocar quando todos se aproximaram.



– E **agola**? – questionou Cebolinha, olhando curiosamente por entre o portão.

Enquanto tentavam adivinhar o que aconteceria, um objeto voador surgiu do meio da mata e anunciou:

BEM-VINDOS À MONTANHA MÁGICA!

Todos se assustaram e, rapidamente, olharam para o alto.

– Precisava dar esse susto na gente? – reclamou Junim.

– Nossa, de onde veio isso? – interessou-se Lúcio, observando o inusitado aparelho voador.

– Você vai abrir o portão? – perguntou Julieta.

– Claro – respondeu o estranho objeto. – Esta é a **HORA CERTA** e eu vou ser o guia de vocês durante os próximos dias.

O pai da Mônica bem que quis perguntar por que aquela era a **HORA CERTA**, mas, como o portão realmente estava se abrindo, decidiu permanecer quieto.

– Oba! Vamos entrar! – animou-se o Menino Maluquinho, dando um forte abraço no avô, que aproveitou para lhe dar uma maçã. – Vou comer mais tarde, adorei.

O pai da Mônica e o avô do Menino Maluquinho se adiantaram, tentando acompanhar as crianças, no entanto, foram interrompidos pelo guia, que lembrou:

– Como adultos não podem entrar, apenas crianças e animais... – Ao escutar isso, Bidu disparou à frente de todos. – ...Vocês se hospedarão no alojamento disponível nesta base. Não precisam se preocupar, pois **NUNCA** ocorreu um único acidente com nossos convidados.

– Não vai aparecer alguém para falar com a gente? – perguntou o avô do Maluquinho, escolhendo as palavras a fim de não “ofender” o guia. – Uma “pessoa”...

– Para quê? – interessou-se o guia, curioso. – Há alguma coisa que você queira saber? Pergunte logo, porque as crianças já estão subindo e eu não posso perdê-las de vista.

Aquilo era mesmo verdade e, com medo de que elas se perdessem, o avô respondeu:

– Bem, acho que está tudo certo. Eu acredito na Montanha Mágica!

– Pode acreditar – confirmou o guia. – Agora, cuidado, que é a **HORA CERTA** de fechar o portão.

Ambos os adultos se conformaram em ver o portão se fechando.

– Divirtam-se! – gritou ainda o pai da Mônica, sem saber se teria sido ouvido.

– E aproveitem! – murmurou o avô. – Que pena que somos crianças apenas por poucos anos... E passam tão rápido.

Acenaram até onde puderam, mas se soubessem o que iria ocorrer com as turminhas talvez não tivessem ficado tão tranquilos...

Nunca aconteceu nada com os convidados?

Melhor não apostar nisso. Agora, era cada um por si.

CAPÍTULO QUATRO

Franjinha prestava muita atenção em todo o trajeto, pois tudo parecia se modificar com frequência. Tinha a impressão de que, se olhasse para trás, o cenário pelo qual havia acabado de passar já seria outro. No entanto, o que mais lhe interessava era aquele estranho guia.

– Eu queria muito saber o que é isso – disse Lúcio para Franjinha. – Parece um drone, mas eu não vejo nenhuma hélice.

– Percebeu que ele não tem nenhum alto-falante? – acrescentou Franjinha. – Como é que ele consegue falar tão alto?

O guia era realmente diferente. Ele voava com facilidade de um lado para o outro e não produzia qualquer tipo de fumaça. Também emitia algumas luzes e seu formato lembrava o da nave do Astronauta. Ele parecia observar todos com imenso cuidado enquanto fazia múltiplos zigue-zagues.



De repente, alguém gritou:

– Aaaaaiiii!

Maluquinho correu em direção a Julieta e perguntou:

– O que foi, Julieta?

– Alguma coisa passou por cima da minha cabeça. Quase bateu em mim.

O guia voou rapidamente até eles e avisou:

– Ah, deve ter sido um esquilo. Temos muitos por aqui.

– E desde quando esquilos passam voando por cima da cabeça da gente?

– interessou-se Julieta.

– Podem “voar”, sim – contestou Franjinha.



– Esquilo com asas? – riu Cebolinha. – **Selá** que os **golduchos** também conseguem voar?

Antes que a Mônica reagisse, Franjinha prosseguiu com sua explicação.

– Eles não têm asas, mas conseguem pular de árvore em árvore, por isso parecem voar. Eles possuem uma membrana que une as patas dianteiras às traseiras. Quando o animal se estica, parece que tem asas, mas na verdade não tem. O estranho aqui é que esse tipo de esquilo não existe no Brasil, somente no Hemisfério Norte. Nossos esquilos, que também recebem o nome de serelepe ou caxinguelê, por exemplo, não “voam”.

– É mais ou menos isso – disse o guia, já se adiantando novamente ao grupo. – Só que aqui as coisas são um pouco diferentes...

Como o guia praticamente fugiu, Franjinha não obteve detalhes a respeito das tais diferenças... Entretanto, pretendia explorá-las em algum momento.

– Será que falta muito para chegar? – perguntou Junim a Bocão, que estava cansado da leve subida em que havia se transformado a trilha.

– Espero que não – desejou ele. – Se demorar mais, eu vou comer algumas dessas flores. Achei que uma delas tinha cheiro de chocolate.

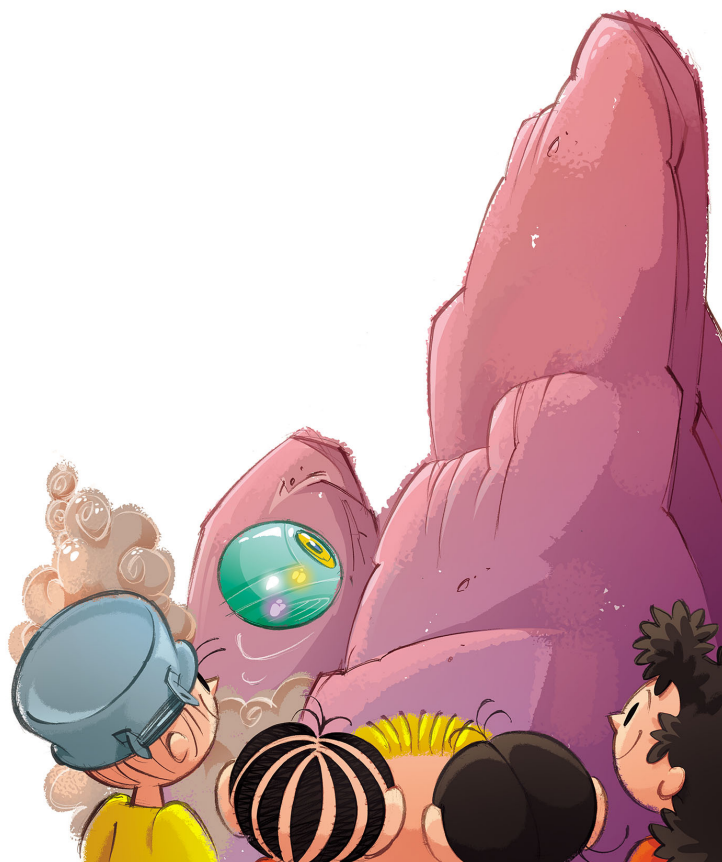
– Chocolate? – interessou-se Magali ao escutar a palavra mágica.

– Delírio dele – respondeu Junim. – Não existem flores feitas de chocolate!

De qualquer forma, Magali passou a cheirar cada flor que encontrava, vai que...

Então o guia parou diante de uma rocha que, além de alta, era muito larga.

– Pronto, chegamos – avisou o guia. – Falta pouco para esta aventura começar. Basta vocês assinarem seus nomes.



Mônica procurou por algum tipo de livro ou caderno, a fim de efetivar o registro de chegada. Talvez fosse como em hotel, mas não encontrou nada e perguntou:

– E onde vamos assinar?

O guia desceu até a altura dos olhos dela e disse:

– Na rocha! Onde mais?

Mônica observou melhor a rocha e descobriu que nela estavam escritos diversos nomes: Alice, Dorothy, Tom Sawyer, Max und Moritz, Pererê, David Copperfield, Tininim, Pequeno Príncipe, Gasparzinho, Anjoca, Satanésio, Nico Demo, Pinóquio, Feiurinha, Pluft, Fantasma, Tintim, Luluzinha, Bolota, Tininha, Recruta Zero, Condorito, Chaves, Brotoeja, Emília, Zezé etc.

– Acho que eu conheço esses nomes – comentou Lúcio.

– E como vamos assinar? – perguntou Cascão. – Com o dedo?

– Exatamente! – comemorou o guia.

Cascão estranhou, mas, como seu dedo já estava mesmo sujo, ele experimentou e, para sua surpresa, viu seu nome sendo gravado na rocha enquanto o “escrevia”.

– **Inclível!** Mas o meu dedo está limpo. **Selá** que funciona? – perguntou Cebolinha. Na verdade, quase que ele escreveu “dentuça”, porém um rápido olhar da Mônica fez com que ele mudasse de ideia e assinasse o próprio nome.

O Menino Maluquinho escreveu cada letra do nome dele com um tamanho diferente. Mônica resolveu finalizar o dela com o desenho de um coelhinho.

Em pouco tempo, os nomes de todos eles se misturavam aos dos outros visitantes da Montanha Mágica.

– Agora, tenho algumas regras! – disse o guia, que projetou em uma parede uma lista com condições que deveriam ser seguidas sem qualquer questionamento.

1 - NÃO É PERMITIDO LEVAR NADA DA MONTANHA MÁGICA, NEM MESMO UMA FOLHA OU PEDRINHA.

2 - CADA TURMA SERÁ HOSPEDADA EM UM GALPÃO. A TURMA DA DENTUCINHA, QUER DIZER, DA MÔNICA, FICARÁ NO GALPÃO M E A DO MENINO MALUQUINHO, NO GALPÃO Z.

3 - LEMBRAR A REGRA 1.

4 - NÃO ESQUECER A REGRA 2.

5 - DECORAR OS ITENS 3 E 4.

6 - CUIDADO PARA NÃO ESCORREGAR NAS CARTAS DE BARALHO.



– Cartas? – perguntou Junim. – Que cartas?

O guia, demonstrando bastante impaciência, explicou:

– Faz algum tempo, veio para cá uma garota chamada Alice. Ela disse que vinha de um país cheio de maravilhas e trouxe com ela algumas cartas. Acontece que elas começaram a correr pela montanha e se espalharam por todos os lados. Quanto mais eu as recolhia, mais elas apareciam. A menina foi embora, mas as cartas ficaram. O pior é que parece que se

multiplicam. Sempre surge uma nova... Não sei o que fazer – lamentou o guia. – Enfim... Alguém tem outra pergunta?

Magali e Bocão, ao mesmo tempo, ergueram as mãos e perguntaram:

– Que horas sai o lanche?

– Lanche, não! – alertou o guia. – Daqui a pouco, sai o jantar, mas só após o pôr do sol.

– Pôr do sol? – Julieta ficou curiosa.

– Sim, o pôr do sol mais bonito do mundo. Se vocês quiserem, eu levo todos até lá. Mas, depois, jantar e **CAMA**. Amanhã, vocês precisarão estar bem descansados. Teremos diversas surpresas...

Voltaram a caminhar, o que deu mais uma chance para Magali e Bocão cheirarem as flores e Franjinha e Lúcio tentarem descobrir como aquele misterioso guia funcionava. Além disso, Julieta achou que seria romântico ver o pôr do sol com o Maluquinho. Cebolinha tentava conhecer bem os arredores, talvez fosse um bom lugar para, quem sabe, colocar em prática algum plano infalível. Cascão, desconfiado das intenções do amigo e com medo de apanhar, tratou de se aproximar de Junim. Ao vê-lo, o garoto quis saber se algo estava errado. Bidu correu, para variar, à frente de todos. E o grupo ainda precisou se desviar de pilhas de cartas aqui e ali.

De qualquer maneira, o guia não havia mentido. O pôr do sol foi realmente lindo. O Sol se escondia lentamente por entre distantes montanhas, levando com ele todas as cores do dia. A noite começou a se iluminar com as estrelas, e aqueles novos amigos, em breve, teriam muitas histórias para contar.



CAPÍTULO CINCO

– **T**ODOS PARA OS SEUS LUGARES! JÁ VAI COMEÇAR A COMPETIÇÃO!

Foi isso que o guia disse às turminhas na manhã seguinte. Quando as crianças chegaram até um grande campo, encontram-no cheio de obstáculos, cordas e, claro, cartas espalhadas por todos os cantos. Fizeram uma pilha gigante com as que puderam recolher.

– Competição? – reclamou Magali. – Nem terminei de tomar meu café direito.

– Eu também! – concordou Bocão. – Só comi uma dúzia de pães de queijo. Ainda bem que guardei alguns no bolso para mais tarde, ou seja,

AGORA! – dizendo isso, tratou de engolir rapidamente seu lanchinho.

– Oba, oba! Do que será a competição? Vamos correr, pular, nadar, voar?

– O Menino Maluquinho já tinha dado uma volta por todo o campo e estava ansioso para que os jogos começassem.

– Atenção às regras! – anunciou o guia. – Vale tudo! Só não vale morder o guia!

– Essas são as **leglas**? – decepcionou-se Cebolinha. – Pensei que **seliam** mais complexas, com **enolmes** planos, desafios complicados... Quem vai conseguir **molder** essa coisa **voadola**?



– Silêncio! – ordenou o guia. – Vou sortear a primeira dupla.

Ele então pegou um saquinho, não se sabe de onde, sacudiu-o, deixou cair dois papéis no chão e disse:

– Cascão, leia os nomes dos primeiros concorrentes.

– Por que eu? Ainda estou com sono – resmungou ele antes de pegar os bilhetes, abri-los e ficar aliviado por não ser o primeiro competidor. – Aqui está, vai ser o Careca contra o Junim.

Junim se adiantou e fez uma pergunta ao guia:

– Tá bom, vamos competir, mas qual é o prêmio?

O guia deu umas voltinhas no ar, como que demonstrando impaciência, e projetou na parede um novo cartaz.

**O PRÊMIO, SENSACIONAL, SERÁ PASSAR UMA NOITE
NO TOPO DA MONTANHA, ONDE TODOS OS DESEJOS SE
REALIZAM!**



– Vamos lá, Cebolinha! – falou Mônica. – Estamos torcendo por você.

– Sim, mas qual é a **plova**? – respondeu ele. – Temos que **coler**, pular, nadar?...

Cascão levou um susto, pois se tivesse que nadar para ajudar seu grupo a vencer, eles estariam perdidos.

– Nada disso – anunciou o guia. – Vocês vão ler um texto.

– Ler? – entusiasmou-se Lúcio. – Eu que deveria ter sido sorteado. Ler é comigo mesmo.

Foi então que o guia deu um texto para o Cebolinha. E, no momento em que iria entregar outro a Junim, uma antena surgiu inesperadamente da “cabeça” do guia e acabou derrubando os óculos do garoto no chão.

– Calma, eu pego – falou Franjinha, que fez uma cara de espanto. – Nossa, as duas lentes quebraram.

– E agora? – lamentou Junim.

– Acidentes acontecem – disse o guia. – A disputa já está valendo e acho bom ninguém tentar me morder!

– Não consigo ler! – protestou Junim, forçando os olhos a fim de compreender o que estava escrito.

– Então você está eliminado! – determinou o guia, sem oferecer qualquer possibilidade de reação ao garoto. E, do nada, devolveu-lhe os óculos em perfeito estado.

– Ei, como você fez isso? Não é justo! – reclamou Junim, prontamente ignorado pelo guia.

Cebolinha, achando que ganhara uma grande vantagem, leu o texto:

– **O *lato* *loeu* a *loupa lasgada* do *impelador*!** – mal terminou e partiu para a comemoração. – Ganhamos!

– Ganhou nada! – sentenciou o guia. – Não é isso que está escrito. Vou ler: O rato roeu a roupa rasgada do imperador.

– Mas... – Cebolinha queria argumentar.

– Na primeira competição não houve vencedor! – determinou o guia, sem dar espaço para qualquer reclamação. – Próximos concorrentes...

Tudo se repetiu e, dessa vez, foram sorteados Lúcio e Franjinha.

– Nossa, o que será que eles vão ter que fazer? – perguntou Magali.

– A missão dessa dupla é, em cinco minutos, resolver a “Conjectura de Hodge”. Valendo! – gritou o guia.

Franjinha e Lúcio levaram um susto:

– Mas esse é um dos maiores problemas da matemática – avisou Franjinha.

– E até hoje ninguém conseguiu solucioná-lo – lembrou Lúcio. – Existe, inclusive, um prêmio de um milhão de dólares para quem realizar essa façanha.

– O tempo está passando – alertou o guia, indiferente.

– O jeito é tentar – falou Franjinha, rabiscando em um pedaço de papel.

Assim, sem parar, os garotos discutiam sobre o problema, buscando soluções, quando, novamente, o guia gritou:

– Prazo encerrado! Não houve vencedores.

Mônica estava desconfiada do andamento daquela competição e a criticou:

– Essas questões são muito complicadas e você não está levando em conta as dificuldades dos jogadores.

– Quer desistir? – provocou o guia.

Aí, ela se sentiu ainda mais desafiada e resolveu aguardar sua vez para mostrar àquele guia engraçadinho quem é que iria desistir.

Os próximos candidatos sorteados foram Magali e Bocão, que, aliás, amaram a prova deles. Cada um foi colocado diante de um bolo imenso e a

ordem logo foi dada pelo guia:

– Vocês vão ter que decidir qual é o bolo mais gostoso. Valendo!



Foi a competição mais rápida de todas, cada um dos “atletas” engoliu o próprio bolo em menos de um segundo. Como não conseguiram provar o doce do outro, ficou impossível definir qual tinha sido o mais gostoso. Assim, ambos foram desclassificados.

No próximo sorteio, foram escolhidos Cascão e Julieta.

– Ganhará aquele que contar detalhadamente a história de *Os Três Porquinhos contra Chapeuzinho Vermelho*.

Cascão considerou que com os três porquinhos na jogada ele teria alguma sorte. Julieta imaginou que o vermelho tinha a ver com a cor de sua camiseta. Porém, havia um problema ainda maior, e ela se pronunciou:

– Mas essa história não existe!

– É verdade – completou Cascão. – Ou é a história de *Os Três Porquinhos* ou da *Chapeuzinho Vermelho*.

– Bem... Se a história não existe – concluiu o guia –, ambos perderam a partida. Que venha a próxima dupla!

Não adiantou reclamar. Cascão ficou com vontade de morder o guia, mas temeu que aquilo pudesse desclassificar sua turma automaticamente. Agora dava para entender por que havia tal regra. O guia já devia ter sido mordido no passado. Bem-feito!

As esperanças estavam depositadas nos dois últimos competidores: Mônica e Menino Maluquinho.

Finalmente, a oportunidade que a garota aguardava a fim de provar que não era de desistir. O Menino Maluquinho comemorava a chance de poder vencer aquele torneio por todos os seus amigos.

– A disputa de vocês é a melhor de todas. Vão ter que dar uma volta ao redor da Montanha Mágica. O primeiro que retornar será o campeão. Sigam-me, vou mostrar o caminho!

Dizendo isso, o guia fez um voo rasante e indicou uma passagem que se abriu magicamente por entre a densa floresta. Convocou os dois competidores a tomar os seus lugares e gritou.

– Valendo!

Mônica e o Menino Maluquinho dispararam pelo caminho e seus amigos ficaram comemorando, mas Junim reclamou:

– Como é que a gente vai ficar sabendo quem está na frente? Assim não tem graça. Vamos esperar? Só isso?

Todo mundo achou aquilo meio estranho e, justamente por causa disso, ninguém percebeu quando o guia, discretamente, desapareceu.

CAPÍTULO SEIS

– **E**u tenho “vento nos pés” – disse Maluquinho ao ver que estava ligeiramente à frente da Mônica.

O trajeto da disputa era formado por uma trilha de terra íngreme, cheia de curvas e cercada por mata.

– Acontece que eu tenho muuuiitaaa experiência em correr atrás de moleques – avisou a Mônica. – Já, já você vai ficar para trás.

O Menino Maluquinho não ligou e correu ainda mais. Mônica o perdeu de vista, mas apostou que na próxima curva o encontraria. Entretanto, avistou uma imensa rocha bloqueando o caminho. Imaginou como o Menino Maluquinho a teria pulado, no entanto, outra coisa lhe despertou a atenção. Havia um cartaz colado na rocha que a mostrava como dentuça e gorducha. Então, por impulso, atirou o coelhinho e gritou:

– Cebolinha!

Para sua surpresa, o coelhinho voou por cima da rocha, e ela viu claramente quando ele “atravessou a montanha”. Achou aquilo muito esquisito e se aproximou do local com cuidado, desviando da rocha. Tocou na encosta da montanha, perto de onde o coelhinho tinha sumido e, de repente, foi sugada tal como o seu bicho de pelúcia.

Mônica havia desaparecido.



Pouco adiante, o Menino Maluquinho estranhou o silêncio, pois considerou que ouviria os passos da nova amiga atrás dele, mas nada. Ele parou e chamou:

– Mônicaaaaa!

Como ela não respondeu, ele ficou preocupado e voltou para procurá-la. Foi então que viu a rocha no caminho.

“Essa rocha não estava aqui antes”, pensou.

Subitamente, sua panela foi atraída pela montanha, e ele achou aquilo engraçadíssimo.

– Nossa, é o maior ímã que já vi! Adoro ímãs.

Ao tentar descolar a panela da parede, ambos foram tragados pela montanha.



Pronto, os dois competidores haviam sumido sem deixar qualquer pista. No campinho, como se tivesse percebido algo errado, Bidu correu trilha adentro em disparada.

– Bidu! – gritou Franjinha.

– Deixa, ele volta – apostou Junim.

– Ele não conhece esta região. Vai que se perde na mata? – preocupou-se Franjinha.

– Estou achando que a Mônica e o Menino Maluquinho estão demorando muito – incomodou-se Julieta, decidida a voltar à entrada para a Montanha

e pedir ajuda. – Vamos chamar o avô do Maluquinho e o pai da Mônica, depois procuramos pelo Bidu.

– Não! Pode ser tarde. Vou agora atrás do Bidu – dizendo isso, Franjinha se entranhou pela trilha.

– Vou com você! – falou Lúcio. – O guia disse que nunca aconteceu qualquer acidente por aqui. Não deve ser perigoso.

– Por falar nisso, cadê ele? – estranhou Bocão.

– Em **flente!** Ai como é **dulo tolcer pla golducha** – comentou Cebolinha discretamente.

– Eu estou com fome – avisou Magali. – Vamos resolver isso logo. Quero almoçar.

E, assim, todos se embrenharam na mata, apurando os ouvidos para escutar os latidos do Bidu. Eventualmente, escutavam um ruído no mato e, quando iam olhar, era somente um esquilo curioso.

– Bidu! Bidu! – chamou Franjinha pelo amigo.

Como o caminho era estreito, as turminhas se apertavam cada vez mais. Cascão, atento aos mínimos sinais de chuva; Junim, apostando que uma cobra venenosa iria aparecer a qualquer momento.



Entretanto, para sorte deles, bastou dobrar uma curva para despontar uma grande clareira que permitia ver a entrada de uma caverna. Dava um pouco de medo, pois ela parecia ser bastante profunda e escura.

– Será que o Bidu entrou aí? – perguntou Bocão.

Franjinha se aproximou da entrada e gritou:

– Bidu!

E o eco devolveu: Bidu, Bidu, Bidu, Bidu, Bidu...

– Melhor voltarmos para pedir ajuda – falou Julieta.

– Também acho – concordou Lúcio. – Mas voltar para onde?

Foi então que todos olharam para trás e viram que o caminho que haviam percorrido tinha sido completamente engolido pela mata.

– Bem que eu achei que algo não ia dar certo – concluiu Junim. – Acreditam em mim agora?

– Só nos resta uma coisa a fazer: vamos entrar – afirmou Franjinha, determinado. – Bidu pode estar correndo algum perigo.

E, com mais ou menos medo, entraram um a um naquela caverna. Sem que percebessem, todos tinham sido engolidos pela Montanha Mágica.



ÚLTIMO CAPÍTULO

Bem, este é o último capítulo. Só que a história ainda não acabou, nem de longe...

Será que pode ter um último capítulo que não seja o último?

Se pode, não se sabe, mas ninguém disse que isso é proibido.

É que agora a história vai ficar ainda mais maluquinha, coisa de quem levou mesmo uma coelhada na cabeça.

Então, este é o último capítulo de um livro que ainda não terminou.

O jeito é prosseguir para ver se a história acaba.

A quem observasse de fora, teria parecido que o Menino Maluquinho e sua panela haviam sido tragados pela montanha. Para ele, contudo, tinha acontecido algo totalmente diferente. Ele viu a panela crescendo, crescendo, crescendo e, de repente, estava dentro dela. Não era mais uma panela e, sim, uma nave espacial. Ele não se encontrava de forma alguma no interior de uma montanha, como seria o esperado, mas viajando pelo espaço sideral.

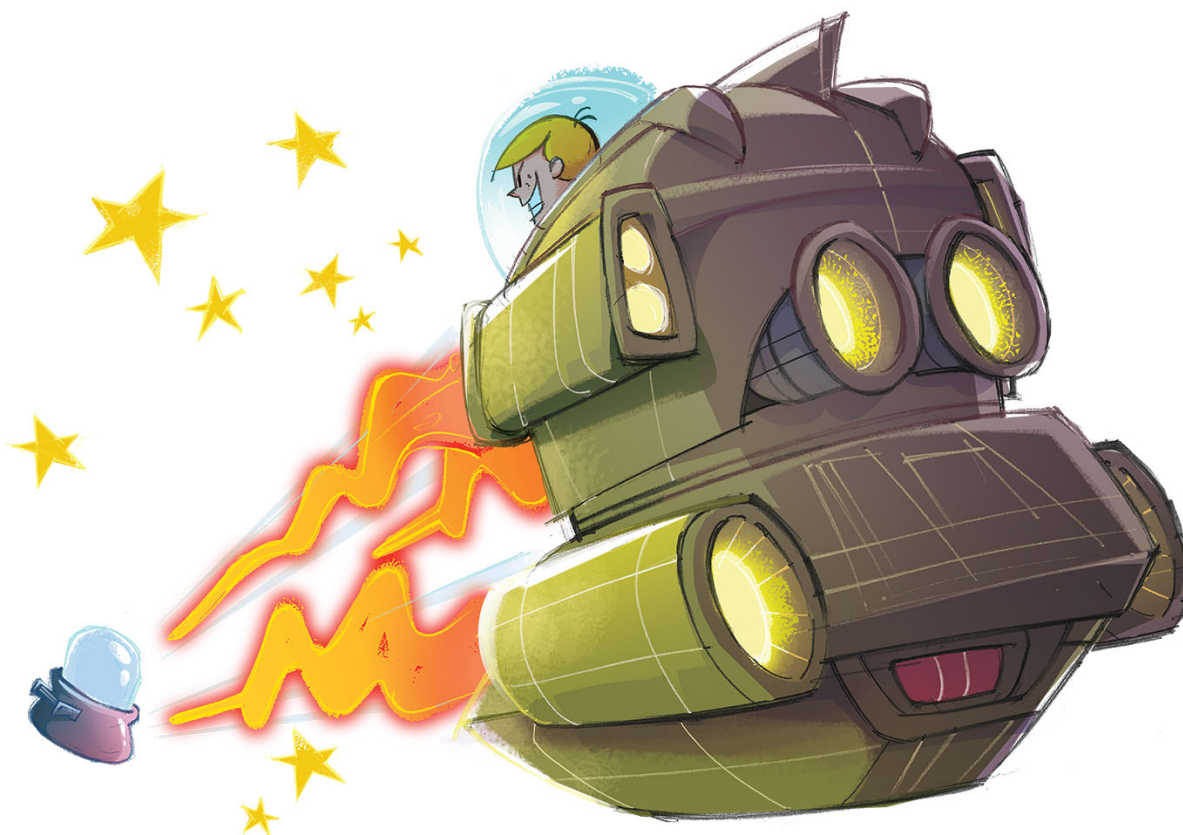
Com sua espaçonave, ele seguiu cometas, acendeu e apagou estrelas. Deu piruetas no espaço e visitou distantes planetas.

Ao entrar em uma chuva de meteoros, a nave acabou sacudindo demais e o sótão que havia nela se abriu. Pronto, ela se encheu de macaquinhos que mexiam em todos os botões, mudando constantemente o rumo da espaçonave.

Então, depois de um solavanco maior, o Menino Maluquinho percebeu que um grande perigo se aproximava. Os macaquinhos trataram de se esconder novamente no sótão enquanto o garoto escutava uma mensagem de outra nave ameaçadora.

– Você pensou que iria se livrar de mim, mas acaba de chegar o seu maior pesadelo!

Era Herman, que mirava com suas poderosas armas a pequena nave-panela do Menino Maluquinho.



– Não tenho medo de você! Pode vir com mil canhões que eu invento mil ideias para destruir cada um deles!

E Herman, que não queria mesmo perder tempo, disparou vários mísseis. Nenhum acertou o Menino Maluquinho, que, habilmente, se desviava de cada um dos tiros. Porém, de repente, uma distração invadiu sua mente. Algo mais forte, que ele não conseguia controlar.

– Aquelas letras esquisitas! – exclamou ele, recordando-se das letras que tinham se alojado no seu pensamento pouco antes do início da viagem à Montanha Mágica: **E A M P P A E R R S**.

Distraído que estava, deixou de fazer uma manobra salvadora e Herman atingiu sua aeronave provocando uma enorme explosão!

Maluquinho perdeu o controle e a nave ficou perdida no espaço, seguindo para um lugar desconhecido e, talvez, muito perigoso.

– O que foi isso? – assustou-se Magali. – Vocês escutaram? Pareceu uma explosão.

– Acho que senti a montanha tremer – respondeu Julieta.

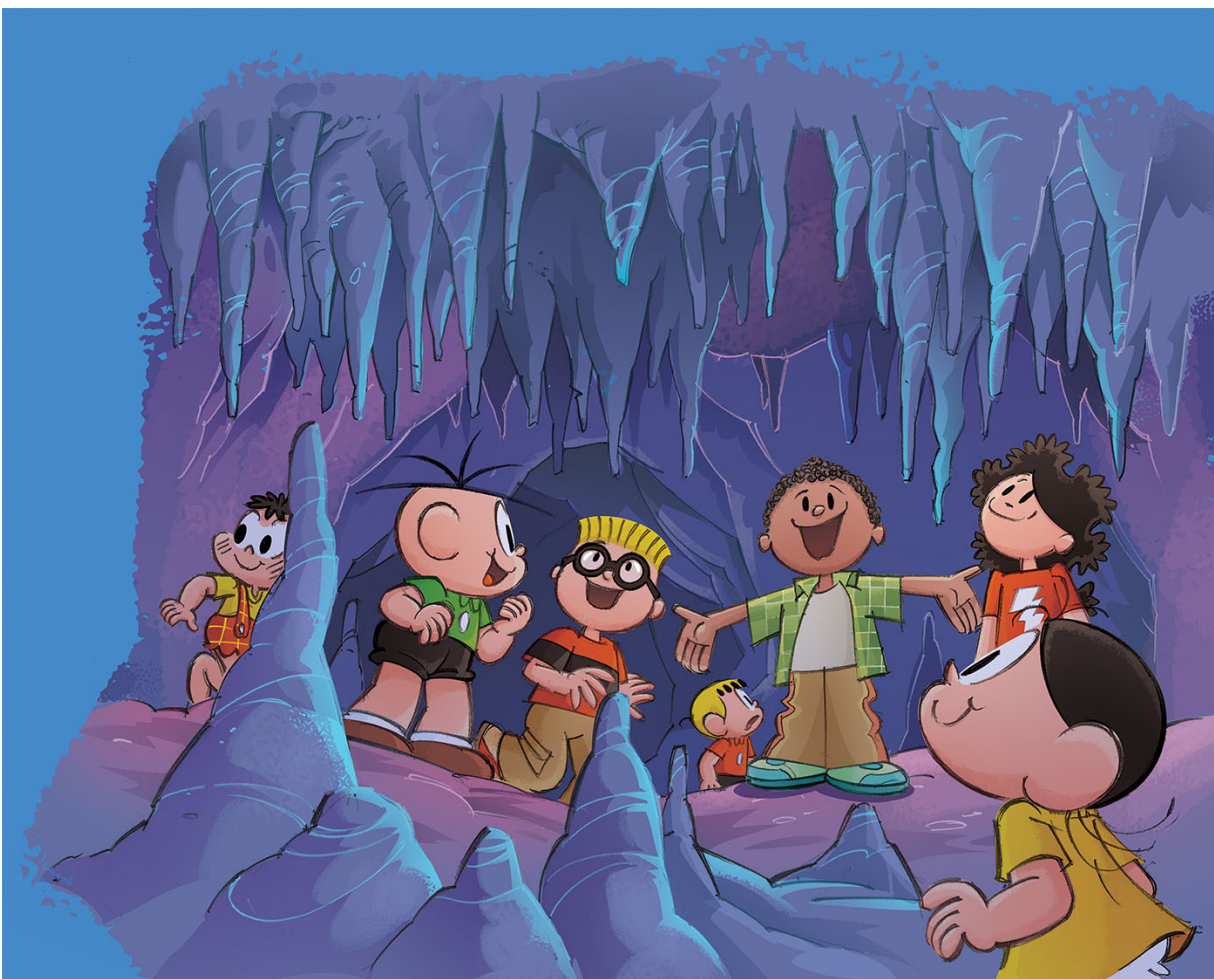
– Calma! – pediu Lúcio. – Aqui é muito grande, deve ser um eco distante.

– Vocês estão vendo uma luz ali na **flente**? – perguntou Cebolinha.

Sim... todos a viram e foram até o local cautelosamente. Quando chegaram, a única palavra que conseguiram pronunciar foi:

– Nossa!

As turminhas haviam acabado de entrar em uma caverna.



– Nunca vi tantas estalagmites e estalactites juntas! – admirou-se Lúcio.

- O que são essas... coisas? – interessou-se Cebolinha.
- As estalagmites são essas formações pontudas que estão se elevando do chão e as estalactites são aquelas vindo lá do alto – informou Lúcio.
- E são mesmo muitas. Se continuar assim, em alguns anos vão se fechar formando uma parede. Aliás, aqui é um ótimo lugar para se esconder – falou Franjinha, que decidiu gritar: – Biduuuuuu!
- Ai! – gritou Cebolinha ao espetar o dedo na ponta de uma estalagmite.
- Doeu, Careca? – divertiu-se Cascão.
- Você achou **englaçado**?
- Claro! Só você para se machucar numa coisinha dessas.
- Pois eu acho que quem vai **lir** daqui a pouco sou eu! – respondeu Cebolinha, apontando para cima.



Cascão ergueu a cabeça e compreendeu o perigo que corria. Do alto, se viam diversas gotas de água que ameaçavam despencar a qualquer momento.

– Essas gotas estão cheias de cálcio – continuou Lúcio.

– Isso mesmo – prosseguiu Franjinha. – Quando elas caem, o cálcio vai sendo depositado, gerando as formações. Um dia, elas se unem e criam essas colunas imensas.

Cascão não ouviu nada de nada daquela explicação. A única coisa em que ele pensava era nas dezenas de gotinhas prestes a cair. Quando a primeira delas se soltou, apenas se escutou o grito que ele deu.

– Para onde ele foi? – assustou-se Julieta ao ver que Cascão havia corrido caverna adentro.

– Eu não sei – comentou Cebolinha. – Mas **celtamente** achou uma saída **pala** escapar da água.

– Então vamos atrás dele! – falou Magali.

E foram... Sem saber o que havia pela frente.

Mônica não estava entendendo nada quando, de repente, se viu em um lugar cheio de plantas imensas, sob um sol “de rachar”.

Não compreendia como havia ido parar ali, mas constatou que se encontrava em uma situação bastante delicada. Existiam ovos ao seu redor, muitos, e eram gigantes, até maiores do que ela. Então, Mônica encostou o ouvido em um deles e escutou o som de um coração batendo.

“Será que são passarinhos?”, pensou. “Melhor sair daqui antes que eles se quebrem e resolvam comer tudo o que estiver pela frente...”

Então, tratou de escalar com cuidado aqueles ovos. Quando pôde observar os arredores, descobriu que não estava sobre uma árvore, mas no chão.



Eram apenas ovos abandonados ao calor do sol.

Enquanto se esforçava para compreender os últimos acontecimentos, notou que algo se mexia por entre as folhas. Mônica procurou seu coelhinho. No entanto, não o encontrou.

Repentinamente, um homem com os cabelos parecidos com os dela surgiu e tentou se comunicar. Ele parecia impaciente e fazia muitos sinais incompreensíveis. Mônica só se mexeu no instante em que ele a empurrou com um tacape. Embora não tivesse gostado, compreendeu que o homem queria que ela saísse dali. Ele apontava para o alto, bastante assustado.

O homem das cavernas correu para um esconderijo e a chamou, porém, algo ocorreu quando ela procurava se proteger. Ao olhar o chão, teve a impressão de ler novamente as estranhas letras que havia visto antes da viagem sobre sua cama: **Ã G I O S S M O A.**



E, assim, meio que paralisada por aquele momento inesperado, escutou um forte impacto, como se algum objeto imenso tivesse colidido no solo. Em seguida, uma enorme cortina de poeira se ergueu e a garota não viu mais nada.

Foi fácilimo seguir o Cascão. O cheirinho dele deixou um rastro inconfundível. Quando o encontraram, ele estava tranquilamente sentado sobre uma rocha cercada por um monte de areia. Havia um piso rochoso que circundava todo o espaço. Parecia uma praia cuja água teria desaparecido, deixando exclusivamente algumas pedras e toda aquela areia no local.



- Ufa, finalmente **encontlamos** você – disse Cebolinha.
 - Continuo preocupado com o Bidu. Onde será que ele está? – lamentou Franjinha.
 - Este lugar é quente demais – reclamou Julieta sentada no chão.
 - Acho que estamos caminhando para o centro da Terra – considerou Lúcio. – Só isso para explicar este calor insuportável.
 - E esta areia espalhada – falou Bocão, pisando a superfície de areia fina.
 - Parece ser divertida.
 - É mesmo. O pé da gente afunda – divertiu-se Magali, juntando-se ao amigo.
- Ambos começaram a brincar com a areia como se fosse neve. Tentavam fazer bolinhas para atirar uns nos outros, mas ela escorria por entre os dedos.
- Olhando com atenção, parece até que isto aqui era uma praia que perdeu toda a água, deixando apenas a areia. Que curioso! – comentou Lúcio.

– Quero ver como é que vamos sair daqui – preocupou-se Junim, colocando somente um pé na areia a fim de sentir a textura.

– Pelo menos tudo está bem sequinho – afirmou Cascão aliviado.

Julieta se reuniu aos amigos e, logo, todos estariam brincando. Cascão não quis nem saber, a ideia não lhe agradou. Só de imaginar que toda aquela areia já estivera debaixo de um montão de água lhe causava arrepios. Franjinha e Lúcio, interessados naquela areia, também começaram a caminhar sobre ela.

Foi então que Junim percebeu que Bocão, o primeiro a ter entrado, já estava com a areia na altura da barriga.

– Bocão! – avisou ele. – Cuidado, parece que você está numa parte mais funda. Não vá se afogar na areia.



– Ué, mas eu estou no mesmo lugar que entrei...

– Acho que ele tem razão – disse Magali. – Eu também afundei um pouquinho...

Franjinha e Lúcio se entreolharam e perceberam que algo estava muito errado.

– Será que isto aqui é o que eu estou pensando? – perguntou Franjinha.

– Se for o que eu também estou pensando, temos que sair daqui agora!

– gritou Lúcio. – Isto é areia movediça. Nós estamos sendo engolidos!

E não deu outra. Tentaram escapar, porém, quanto mais se mexiam, mais afundavam. Para piorar, havia no meio da areia várias cartas de baralho que

atrapalhavam bastante. Quando alguém julgava que tinha conseguido se segurar em algo firme, eram somente cartas que se espalhavam pela areia.

– Eu sabia que isso ia dar problema – comentou Junim, já retirando para fora o único pé que tinha colocado dentro da areia.

– Temos que fazer alguma coisa – alarmou-se Cascão, que ficou ainda mais preocupado ao ver Cebolinha. – Ops! Conheço essa expressão!

– Bolei um plano infalível **pla** salvar todos! – disse Cebolinha.

– Essa, não! – falou Cascão.

Fosse como fosse, todos dependiam do tal plano, pois até mesmo falar puxava a turminha cada vez mais para baixo. Franjinha e Lúcio não podiam oferecer qualquer auxílio.

– Meu plano é o seguinte: só **plecizamos** achar **outlas pedlas** como essa, em que você está sentado, Cascão. Se elas não afundam, então **podelemos** usá-las como apoio – explicou Cebolinha.

“Bem, talvez dê certo”, pensou Cascão, que olhou em volta e descobriu que havia realmente outras duas pedras ali perto. Se os amigos conseguissem alcançá-las, poderiam esticar as mãos e salvar os demais. Mas precisariam ser rápidos.

Cascão ficou em pé e ofereceu a mão a Junim, que conseguiu pular para uma pedra bem larga. Em seguida, foi a vez de Cebolinha, que deu um salto e também atingiu uma pequena pedra. No local em que ele estava, dava para socorrer Bocão e Magali. Cascão poderia salvar Franjinha e Lúcio. Junim poderia ser o salvador de Julieta.

Quando os três estavam com os braços esticados para puxar os amigos, escutaram um som que se aproximava lentamente, como se viesse de um lugar distante, de outros tempos. Um forte vento também já os alcançava e levantava areia e cartas de baralho aleatoriamente. De repente, ouviram uma explosão que fez com que os meninos salvadores se desequilibrassem e caíssem dentro da areia.

Junim caiu de cabeça para baixo e ficou com as pernas para cima. Ninguém poderia ajudar mais ninguém.



Então, sem que pudessem fazer qualquer coisa, foram tragados, um a um, para o fundo daquela areia que parecia tão calma, mas profundamente movediça.

Se existisse um próximo capítulo, seria dito que bastaria ler o próximo capítulo. Só que não há. E agora?

Seria este o triste fim de toda a turminha?

Mônica e o Menino Maluquinho, após as respectivas explosões, apenas perceberam que foram caindo, caindo e caindo em meio a um céu azulado. No entanto, não era uma queda comum, se furassem uma nuvem, veriam no meio dela peixinhos nadando, depois luzes distantes de uma cidade qualquer e, ao redor deles, ainda flutuavam casas, cadeiras e até animais. E cartas, claro, muitas cartas.



A queda não lhes causava medo. Mônica tentava pegar um ou outro objeto, mas não conseguia segurar nada. Maluquinho se divertia procurando ser mais rápido do que as aves.

Porém, como toda queda tem um fim, os dois caíram juntos dentro de uma caverna:

- Maluquinho!
- Mônica!

Eles se abraçaram e tentaram contar, ao mesmo tempo, a história do que tinha acontecido até ali.

- A montanha engoliu meu coelhinho e...
- Aí eu estava no espaço...
- Então, antes que os ovos quebrassem...
- Eu perdi o controle da espaçonave e...

Eles combinaram de falar um de cada vez e, finalmente, puderam compreender a aventura um do outro.

– Nossa, quanta coisa estranha! – disse Mônica. – Será que estamos sonhando?

Ao ouvir aquilo, Maluquinho deu um grande sorriso e respondeu:

– Claro que não! Você já viu duas pessoas sonharem o mesmo sonho? Isto aqui é tudo realidade, a NOSSA realidade, a que estamos vivendo. Estou certo disso.

– Como é que você tem tanta certeza? – perguntou Mônica.

– Porque foi meu avô quem me ensinou isso! Ele é um sábio.

Portanto, como era ensinamento de avô, Mônica também acreditou que eles não estavam sonhando. Recordou-se das informações do dossiê de Denise, que ela tinha lido durante a viagem, e concluiu que tudo o que estava acontecendo poderia, de fato, ser verdade.

– Precisamos dar um jeito de sair daqui – afirmou ela. – Se fosse um sonho, bastava acordar, mas como não é...

Mônica e Maluquinho passaram a procurar uma saída, mas parecia que aquela caverna era totalmente fechada.

– E... Olha! – apontou o Menino Maluquinho. – Você está vendo isto aqui?

Mônica forçou um pouco os olhos e, lentamente, algo incrível surgiu diante dela. Ela mal podia acreditar que fosse verdade!



Junim, que tinha caído na areia de cabeça pra baixo, foi o primeiro a ver o novo mundo que surgiu.

– Não acredito! Pensei que fôssemos ficar enterrados para sempre em toda aquela areia.

Ele caiu suavemente sobre um punhado de cartas de baralho e não se feriu. Aos poucos, foi observando a chegada de todos os amigos, que ficaram tão impactados quanto ele.

– Nossa, que lugar é este? – perguntou Cascão.

Quando todos terminaram de cair, o céu de areia que os cobria desapareceu, revelando outro, azul e brilhante, mas muito pequeno. Parecia que eles estavam no fundo de um vulcão extinto, pois as paredes iam se afunilando e, de onde observavam, só conseguiam ver um pedacinho do céu pelo que seria uma saída circular, a boca do vulcão. Tudo era uma imensa novidade.



– Perceberam como este lugar é cheiroso? – falou Magali.

Ela estava certa. Logo notaram que o ambiente era repleto de flores, dos mais diversos tamanhos, cores e perfumes.

– Esperem! – alertou Bocão. – Ouviram esse barulho? Seria outra explosão?

Franjinha apurou os ouvidos e disse:

– Acho que eu conheço bem esse som! – caminhou até um arbusto que se mexia e o abriu com cuidado. – Bidu! Finalmente te encontrei.

Todos comemoraram, menos Bidu, que roía tranquilamente um imenso osso de dinossauro, como se nada de excepcional tivesse ocorrido.

– **Agola** já podemos ir **embola** daqui – animou-se Cebolinha.

– Estou com muita fome – reclamou Magali.

RUUOOOOOONNCCCCCCCCCCCC!

– Nossa! – disse Cascão. – Outro som horrível!!!!

– Não é um som horrível! – protestou Bocão. – É apenas minha barriga roncando de fome!

ROOOOOOOOONNCCCCCCCCCCC!

- E agora foi a minha – alertou Magali.
- Acho bom encontrarmos logo uma maneira de sair daqui – falou Lúcio.
- Ou este lugar vai ficar insuportável.

Julieta estava calada, mas prestava atenção em tudo o que havia acontecido até o momento. Estavam todos bem. Portanto, não era lenda a história contada pelo guia de que ninguém tinha se machucado na Montanha Mágica. De repente, ela sentiu que algo, novamente, passava por cima de sua cabeça.

- O que foi isso? – perguntou.

E a resposta veio rápida: ela viu um esquilo parado sobre uma pedra. Julieta já ia ignorá-lo quando ele deu um salto e planou em direção a um ponto muito acima da menina. Parecia que tinha visto algo interessante do outro lado e simplesmente voado até o local que desejava.



- Ué, que esquisito! Vocês viram aquilo? – questionou Julieta a todos.
- O quê? – interessou-se Junim.
- O esquilo! – respondeu ela. – Ele voou.

– Deve ser um daqueles voadores que o guia mostrou – lembrou Franjinha.

– Mas você disse que os que saltam possuem uma membrana que liga os pés e as mãos. O que eu vi não saltou de nenhuma árvore e não tinha membrana alguma – retrucou Julieta.

– Que estranho! – observou Lúcio. – Esquilos não voam de verdade.

– Peraí... Minha cabeça está a mil... – falou Julieta.

– Acho que ela vai colocar a gente em alguma confusão – reclamou Junim.

– Pode até ser – riu Julieta. – Mas minha mãe sempre fala: “E não é que a Julieta, olhaí, tinha razão!”.

– E no que é que você está pensando? – perguntou Cascão.

– Acho que sei como sair daqui! – respondeu Julieta. – Só temos que voar!

– Voar? – estranhou Franjinha. – E cadê nossas asas? Se meu laboratório estivesse perto, até que...

– Não precisa – animou-se Julieta. – Aqui não é uma Montanha Mágica? Então, só precisamos usar a imaginação!

– **Selá?** – duvidou Cebolinha.

– Quer ver? – desafiou Julieta. Ela se pôs em pé, olhou para o esquilo e começou a imaginar que estava lá em cima, ao lado dele.

– Olha só! – falou Franjinha, observando que ela realmente começava a flutuar. – Está funcionando. Não é científico, mas está funcionando.

Julieta, que lentamente se erguia do chão, de repente caiu.

RUUOOOOOONNCCCCCCCCCCCC!

ROOOOOOOOONNCCCCCCCCCCCC!

– Esse barulho me desconcentrou – lamentou ela.

– Estamos com fome! – reclamou Magali. – Não dá pra controlar nossa barriga. – Sabendo disso, Julieta procurou se concentrar com força e voou ainda mais alto.

– Venham, amigos, funciona! – gritou ela, quase junto do esquilo, que tratou de escapar novamente.

E assim, um por um, foram flutuando. Até Bidu, ao ver Franjinha levitar, se entusiasmou e logo estava abanando o rabinho próximo dele.



Começaram a subir e agora só deveriam tomar cuidado para não se distrair. Afinal de contas, uma queda daquela altura poderia ser fatal.

Enquanto isso, Mônica e Menino Maluquinho perceberam que no paredão diante deles havia um grande desenho.

– Que bonito! – falou o Menino Maluquinho. – Quem será que fez?

Mônica olhou o desenho com atenção e lhe pareceu que já tinha visto aquela imagem. Lembrava uma pintura rupestre exatamente igual às que os homens das cavernas deixaram espalhadas por tantas e tantas cavernas mundo afora. Entretanto, naquela existia uma menina meio dentuça e gorducha, que segurava alguma coisa...

– Maluquinho! Foi para essa época que eu voltei, tenho certeza!

– Então você já deve ter vivido por lá – comentou ele.

– Eu? E você por acaso viveu no espaço?

– Acho que sim. Se eu me recordo é porque aconteceu. E sabe que, falando disso, eu me lembrei de outro assunto.

– Qual?

– De umas letras. Elas surgiram na minha cabeça quando eu estava em casa e depois lá no espaço.

Mônica ficou surpresa e disse:

– Comigo aconteceu a mesma coisa em casa e também quando eu estava na era pré-histórica! De que letras você se lembrou?

Maluquinho respondeu:

– E A M P P A E R R S.

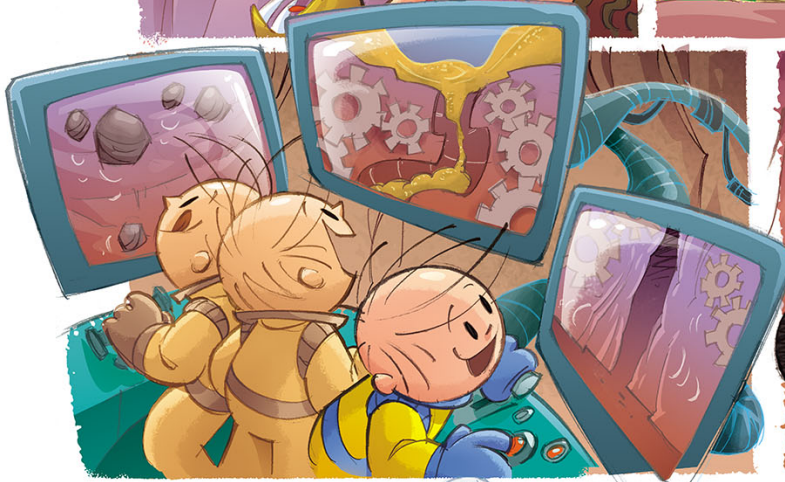
Mônica procurou no bolso do vestido o papel no qual tinha anotado suas letras e completou em seguida:

- ã G I O S S M O A.

De repente, a parede em que estavam pintados os desenhos se iluminou e, como no cinema, os desenhos começaram a ganhar vida e a contar uma bela história.







– Olha só! São aquelas letras que apareceram para nós dois! – falou Mônica.

– Verdade – disse o Menino Maluquinho. – E se a gente... Tive uma ideia! – Ele pegou algumas cartas espalhadas por ali, uma pequena pedra e riscou nelas a sequência das tais letras misteriosas. – Aposto que elas querem contar alguma coisa.

– Sim, você tem razão! Aposto que aquele seu “parente” não iria inventar aquelas letras “de graça”. Aliás, nossos “parentes” ficaram muito amigos, por isso... Espera aí, “amigos”? – subitamente, Mônica fez uma grande descoberta. – Acho que eu sei o que minhas letras querem dizer... – Ela reorganizou a ordem das cartas e, por fim, solucionou o mistério: – **Ã G I O S S M O A** significa “**AMIGOS SÃO**”.

Ambos comemoram a revelação: bastava mudar a ordem das letras e o segredo seria desvendado. A pista da Mônica foi a palavra **AMIGOS**. O Menino Maluquinho passou a mexer aleatoriamente nas suas letras. **E A M P P A E R R S** virou **S E R P M P A E R A** e também **P A P M A E R S E R**, e aquilo continuava sendo um enigma.

– Amigos são... – refletiu Mônica. – Minha frase parece que está incompleta. Amigos são o quê?

– Bonitos! – divertiu-se Maluquinho.

– Simpáticos! – completou Mônica.

– Você encontrou duas palavras – observou Maluquinho. – Aposto que deve haver duas no meio das minhas letras também. Só temos que pensar mais um pouquinho.

– Queria encontrar logo um jeito de sair daqui – falou Mônica. – Nossos amigos devem achar que estamos perdidos. Será que eles já sentiram nossa falta? E meu pai... e seu avô? Eles vão ficar muito preocupados... Ai, Maluquinho, não quero ficar nesta caverna para sempre...

Maluquinho, como tendo um estalo, disse:

– Mônica, você acertou de novo! É isso!

Então ele reagrupou as letras e apareceu: **PARA SEMPRE**.

Mônica aproximou suas cartas das dele e uma sentença inteira se formou:

- **Amigos são para sempre!** – falou o Menino Maluquinho.
- Eu sempre soube disso! – concordou Mônica. – Adoro meus amigos!
- Que história incrível! Me deu até fome – dizendo isso, o Menino Maluquinho retirou do bolso a maçã que o avô lhe tinha dado quando entrou na Montanha e ofereceu um pedaço para Mônica. – Quer?
- Quero, mas... Nossa, você está ouvindo isso?
- Sim, que barulho terrível. O que será que...

RUUOOOOOONNCCCCCCCCCCCC!

ROOOOOOOOONNCCCCCCCCCCCC!

O teto começou a ceder. Mônica e o Menino Maluquinho se esconderam debaixo de uma rocha, de onde viram parte do teto ruir, espalhando cartas de baralho para todos os lados. Depois disso, ouviram alguém gritar bem alto!

- Maçããããã!

Quando saíram do esconderijo, Mônica e o Menino Maluquinho não poderiam ter ficado mais contentes. Diante deles, Magali e Bocão, famintos, olhando para a maçã que Maluquinho segurava. Os dois recém-chegados gritaram ao mesmo tempo:

- Dá um pedaço!

E foi o fim da pobre maçã.



- Que bom! Estamos todos juntos de novo! – comemorou o Menino Maluquinho.



– Sim! – concordou Mônica. – Como foi que vocês chegaram até aqui?

Julieta relatou sobre a descoberta da habilidade de voar. Estava tudo dando certo até que as barrigas de Bocão e Magali dispararam a roncar desesperadas. De repente, pareceu que aqueles dois famintos tinham pressentido alguma coisa e voaram para um ponto bem específico. Bidu também os seguiu, pois havia farejado algo importante. O problema foi que aquela confusão desconcentrou todo mundo e eles começaram a cair, um a um. Felizmente, aterrissaram em uma pilha imensa de cartas e ninguém se machucou. O inusitado foi ver Bidu, Magali e Bocão cavando loucamente.

– Não sei de onde eles tiraram forças... – completou Julieta. – A sorte é que tudo não passava de um monte de cartas empilhadas. Eles cavaram sem parar e acabaram formando um imenso buraco, que cedeu e... aqui estamos nós!

– Por isso que um pedaço do teto desta caverna desmoronou – concluiu Mônica.

– Mas ainda estamos com fome – reclamou Bocão. – Metade de uma maçã não deu para nada.

Então, subitamente, Mônica sentiu falta de um velho amigo e perguntou:

– Cadê o Cebolinha? Ele estava por...

– Está ali atrás, no fundo da caverna – mostrou Junim.

Todos olharam para o local indicado e, de fato, Cebolinha parecia se esconder nas sombras, mas o barulho dos passos nas cartas acabou por entregá-lo.



– O que você está fazendo aí, Cebolinha? – perguntou Mônica.
– Nada, **olas!** Estou descansando. Foi muito difícil voar até aqui e...
– Você não me engana, Cebolinha. Você está aprontando alguma coisa.
E não deu outra. Estava mesmo. Quando a turma se aproximou para verificar o que ocorria, Lúcio apontou para a parede e falou:
– Olha ali, grudado. Não é aquele seu coelhinho?
Mônica mal podia acreditar. O Sansão também havia reaparecido.
– E olhem... ao lado... – espantou-se Magali. – A panela do Maluquinho!
– Oba, tudo voltou ao normal – comemorou o Menino Maluquinho. – É a prova de que não estamos sonhando. Tudo é real. Tudo está acontecendo de verdade.

Cebolinha já tinha visto o coelhinho e não aguentava mais de vontade de dar uns bons nós nas orelhas dele. Achou que, enquanto todos estivessem distraídos, conseguiria dar os nós tranquilamente. Entretanto, seu plano falhara. Ele, contudo, não desistiu. Já que estava tão perto, decidiu pegar o coelhinho e assim o fez, mas tão logo o tocou foi sugado para o interior da parede, tal como havia transcorrido com Mônica e o Menino Maluquinho.

– Essa, não! – alarmou-se Mônica. – Aconteceu de novo!

Ninguém entendeu nada. O Menino Maluquinho explicou que aquilo tinha acontecido com eles também.

– E agora? – perguntou Franjinha. – Para onde será que ele foi?

Cascão observou várias estalagmites no chão. A água, portanto, estaria ameaçadoramente acima dele. Não deu outra. Sobre sua cabeça uma gota começou a despencar e ele só viu uma escapatória. Correu em direção ao coelhinho e terminou tragado pela parede.

– Ah, não! Mais um! – lamentou Lúcio. – Bocão, aonde é que você vai?

Bocão estava com tanta fome que, ao ver a panela do Menino Maluquinho, ficou com saudade das de sua casa, que viviam repletas de coisas gostosas. Com essa sensação, tocou na panela do amigo e, ao fazer isso, foi igualmente absorvido pela parede. Bidu, curioso, decidiu cheirar o coelhinho e também foi engolido. Franjinha, que não queria perder o amigo novamente, não pensou duas vezes e se atirou na direção do coelhinho. Todos foram absorvidos.

Logo depois, Lúcio, com muita coragem e interesse científico, tocou no coelhinho, mas nada lhe sucedeu.

– Tá vendo, gente? Acho que acabou. Estamos seguros.

Junim, aliviado, dirigiu-se à panela para ver se havia alguma pista de Bocão.

– Bocão! Bocão! – gritou ele. Ao se aproximar para gritar mais alto, sua testa encostou na borda da panela e, pronto, sumiu.

– Junim! – assustou-se Lúcio, que partiu para ajudar o amigo, pois se sentiu responsável por ter afirmado que estava tudo bem. Claro, foi tragado imediatamente.



Sobraram Julieta, Menino Maluquinho, Mônica e Magali.

– Olha, eu tenho um bom palpite... – afirmou Mônica.

– Conta, então – pediu o Menino Maluquinho.

– Perceberam que Lúcio tocou no coelhinho e nada aconteceu, mas quando ele encostou na panela, pronto, foi tragado? Só pode ser essa a chave do mistério! O coelhinho e a panela estão funcionando como portais. Mas para atravessar é preciso ter conhecido um dos dois objetos antes de ter chegado aqui – completou Mônica.

– É verdade! – animou-se o Menino Maluquinho. – Igualzinho quando nós dois atravessamos a montanha.

– Quer dizer que... – comentou Magali – ...Se quisermos ir embora, vamos ter que atravessar a parede? Que medo!

– Não dói nada e é superdivertido! – respondeu Maluquinho. – Não vejo a hora de ver o que tem do outro lado.

Mônica, que também não sentia qualquer medo, apenas perguntou ao Maluquinho.

– E será que a gente vai se encontrar de novo?

– Aposto que sim, Mônica. Quando atravessarmos a parede, viveremos outra fantástica aventura!

– Com certeza! – concordou Mônica, percebendo que uma carta de baralho havia acabado de cair sobre a sua cabeça. – Acho bom sairmos logo daqui. Olhem para cima!

Cartas e cartas começaram a despencar. O teto ameaçava desabar de vez.

– Então, vamos embora – disse Maluquinho, abraçando Julieta. – Eu vou contar até três! No três, pulamos! É um, é dois e... – antes de terminar a contagem, ele deu um grande salto para a panela e atravessou o portal com Julieta.

– Esse Maluquinho... – riu Mônica, que em seguida deu a mão para Magali e pulou em direção ao coelhinho.



Pronto, não havia mais ninguém na caverna, a não ser um montão de cartas.

Teriam deixado a Montanha Mágica?

Seria o fim da história ou o começo de outra?

Que tal atravessar a caverna e ver o que há do outro lado? Mas, calma, não precisa pular dentro do livro, basta ir para a próxima página.

Mônica, Magali, Maluquinho e Julieta apareceram do outro lado da parede ao mesmo tempo, mas em lugares diferentes. O estranhamento deles foi idêntico, pois estavam sobre uma superfície branca, lisa. Parecia haver um gigantesco abismo entre eles. Notaram também que muitas cartas atravessaram a parede e se amontoavam ao redor.



O mais importante é que não estavam sozinhos. Junto a eles se encontravam todos os amigos que já haviam atravessado a parede antes. As turminhas, contudo, estavam separadas exatamente da mesma maneira como chegaram à entrada da Montanha Mágica.



– Eu **atlavessei plimeilo** e até **agola** não consegui **descobrir** que lugar é este. – reclamou Cebolinha.

– **A**cho que já é hora de mostrar nossa cara.

– Concordo! Percebeu que eles trouxeram mais um montão de cartas?

– Sim, é verdade. Vamos aproveitar para pegá-las.

– Eu acho que essas turminhas já se tornaram grandes amigas.

– Como nós!

– Exatamente, como nós dois.

– Esta história tem muito a sua cara, bem maluquinha!

– E eu penso que se parece bastante com você, cheia de invenções, planos infalíveis, coisa de quem está meio doido por causa de uma coelhada.

As turminhas escutaram risos altos. Em seguida, perceberam dois grandes vultos se aproximando deles, como se tivessem se levantado do chão.

– Será que viemos parar numa terra de gigantes? – reclamou Junim.

– Vai dar tudo certo – afirmou o Menino Maluquinho ao perceber o que ocorria.

– Acho até que já deu – riu Mônica. – E faz bastante tempo.

Foi então que viram de quem eram aquelas risadas: estavam sobre a prancheta de seus queridos criadores. A superfície branca nada mais era do que uma folha de papel. Mauricio e Ziraldo se ergueram do chão e viram seus amados personagens.



Ziraldo, aproximando-se de sua prancheta, na qual havia “aterrissado” toda a turma do Menino Maluquinho e falou:

– Que bom que vocês chegaram... e trouxeram essas cartas. – Ziraldo esticou a mão e recolheu as cartas. – Acabei de me lembrar de um velho ditado de meu avô: “Saiu do bico do pato e entrou no bico do pinto, quem quiser que conte cinco”.

E Mauricio de Sousa, lembrando seu avô brincalhão, concluiu:

– Saiu do bico do pinto e entrou no bico do pato, quem quiser que conte quatro.

Mauricio pegou todas as cartas que pôde e sentou-se no chão, junto de Ziraldo.

As duas turminhas se debruçaram sobre as pranchetas e olharam para baixo, achando engraçadíssimo o que estava acontecendo...

– Calma, muita calma agora – disse Ziraldo. – Faltam poucas cartas.

– Você também, cuidado – pediu Mauricio. – Acho que com essas a gente termina.

Mauricio e Ziraldo construíam um imenso castelo de cartas. Faltava mesmo muito pouco para completá-lo, somente algumas cartas.

Com muita saudade, Bidu saltou para dar uma bela lambida em Mauricio. Só que, assim que saiu da prancheta, ele cresceu e saiu correndo. Foi carta para todo lado. E as crianças, vendo aquela bagunça, também pularam, claro.

– Melhor começar tudo de novo – sorriu Ziraldo, com o cabelo repleto de cartas de reis e rainhas.

– Só que agora com a ajuda das nossas turminhas... – concordou Mauricio. – Será ainda mais divertido.



E, assim, termina esta história, quer dizer, mais ou menos.

Melhor ir para a próxima página. Talvez ela esteja apenas começando, vai saber...

Enquanto isso, o pai da Mônica e o avô do Maluquinho se desafiavam no alojamento jogando uma partida de xadrez.



– Aposto que as crianças estão se divertindo bastante – comentou o avô.
– Bem que eu queria estar com elas na Montanha Mágica – falou o pai da Mônica. – Vontade de ser criança novamente!
– E quem disse que nós não somos? – riu o vovô, vendo uma carta de baralho voando por cima de sua cabeça. – Acho que eu tive uma ideia para quando terminarmos este jogo.

E ficaram ali, sonhando, brincando e esperando que a aventura das turminhas tivesse um final inesquecível.

Mal sabiam eles o que tinha acontecido. Talvez em breve recebessem um telefonema pedindo que voltassem para casa.

Ah, só para lembrar que ninguém venceu a competição da Montanha Mágica.

O guia, pobrezinho, que só tinha ido recarregar um pouco a bateria, voltou e está até agora esperando para saber quem ganhou a corrida.

Foi a Mônica ou foi o Menino Maluquinho?



FIM?

Olha, quer saber a verdade? Se seguir adiante, você receberá um enigma, tal qual a Mônica e o Menino Maluquinho.

Somente ao desvendá-lo você saberá que chegou ao final desta história!

Boa sorte!

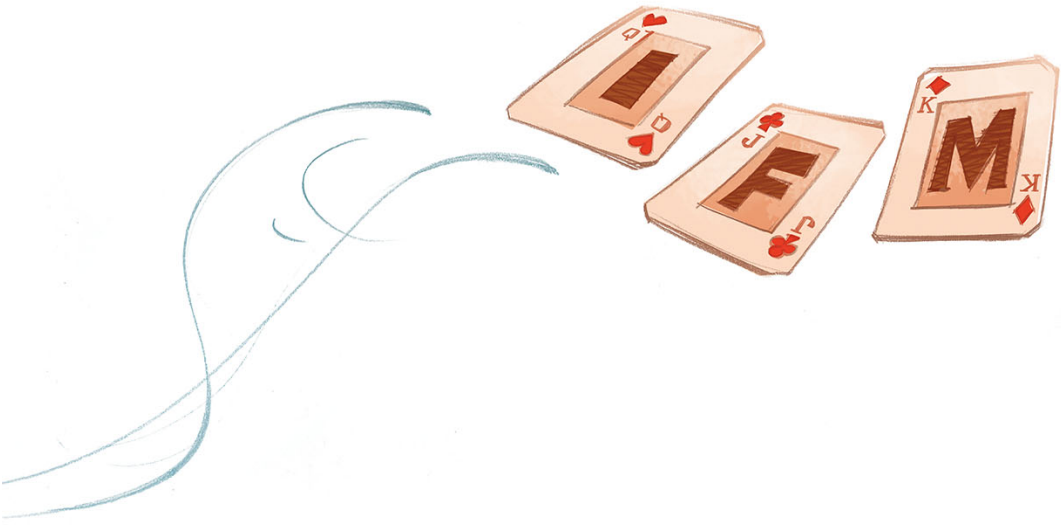




Foto: Deivid Almeida

Manuel Filho nasceu no dia 6 de março de 1968, em São Bernardo do Campo, São Paulo. Muito cedo conheceu a Biblioteca Pública de sua cidade, a Monteiro Lobato, onde principiou seu encanto pelos livros e revistas em quadrinhos.

Ainda não sabia ler quando ganhou os primeiros gibis, mas rapidamente mergulhou nas imortais criações de Mauricio de Sousa e Ziraldo. Manuel se tornou um colecionador de HQs. E, de tanto ler e escutar histórias, começou a inventar as suas. Fez até seus próprios quadrinhos e criou aventuras inspirado pelo escritor Francisco Marins.

Seu primeiro livro publicado foi *O Ouro do Fantasma*, que saiu na célebre coleção *Vaga-Lume*. Daí em diante, já publicou mais de cinquenta obras e foi contemplado com alguns prêmios e incentivos literários, tais como o Jabuti e o ProAC-SP.

Recebeu por cinco vezes o selo de “Acervo Básico” da FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e participa de Feiras Literárias no Brasil e no Exterior. Também é ator e cantor e tem certeza absoluta de que levou uma coelhada na cabeça para escrever este livro tão malquinho.



Foto: Ana Colla

Ziraldo Alves Pinto nasceu no dia 24 de outubro de 1932, em Caratinga, Minas Gerais. Além de pintor, é cartazista, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista e escritor. Iniciou sua carreira nos anos 1950 em jornais e revistas de expressão, como *Jornal do Brasil*, *O Cruzeiro* e *Folha de Minas*. Ziraldo começou a fazer sucesso nos anos 1960, com o lançamento da primeira revista em quadrinhos brasileira: *A Turma do Pererê*. Durante a ditadura militar fundou, com outros humoristas, *O Pasquim* – um jornal não conformista que deixou saudades. Seus quadrinhos para adultos, especialmente *The Supermãe* e *Mineirinho – O Comequieta*, também contam com uma legião de admiradores.

Seu primeiro livro infantil, *Flicts*, de 1969, conquistou fãs em todo o mundo. Em 1980, lançou *O Menino Maluquinho*, um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos no Brasil, com mais de 100 edições. O livro já foi adaptado para teatro, quadrinhos, ópera infantil, videogame, internet e cinema.

Os livros de Ziraldo foram traduzidos para diversos idiomas, como inglês, espanhol, alemão, francês, japonês e italiano. O autor recebeu inúmeros prêmios, e dois mais recentes se destacam: o Super Prêmio Andersen da Itália, 2004 – pela edição italiana do livro *Flicts*, e o Prêmio Quevedos 2009, o mais importante prêmio do humor gráfico no mundo, por toda a sua obra!



Foto: Lailson dos Santos

Mauricio de Sousa nasceu em 27 de outubro de 1935, numa família de poetas e contadores de histórias, em Santa Isabel, no interior de São Paulo.

Ainda criança, mudou-se para Mogi das Cruzes, onde descobriu sua paixão pelo desenho e começou a criar os primeiros personagens. Com 19 anos, foi para São Paulo tentar trabalhar como ilustrador na *Folha da Manhã* (hoje *Folha de S.Paulo*). Só conseguiu uma vaga de repórter policial.

Em 1959, publicou sua primeira tira diária, com as aventuras do garoto Franjinha e do seu cãozinho Bidu. As tiras de Mauricio de Sousa espalharam-se por jornais de todo o país, levando-o a montar um estúdio que hoje dá vida a mais de trezentos personagens.

Em 1970, lançou a revista *Mônica* e, em 1971, recebeu o mais importante prêmio do mundo dos quadrinhos, o troféu Yellow Kid, em Lucca, na Itália. Seguindo o sucesso de *Mônica*, outros personagens também ganharam suas próprias revistas, que já passaram pelas editoras Abril e Globo e atualmente estão na Panini. Dos quadrinhos (que já venderam mais de 1 bilhão de revistas, pelo mundo inteiro), eles foram para o teatro, o cinema, a televisão, a internet, parques temáticos e até para exposições de arte.

Desde maio de 2011, Mauricio de Sousa ocupa a cadeira número 24 da Academia Paulista de Letras.

Obra revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

© Ziraldo Alves Pinto

© Mauricio de Sousa

© Manuel Filho

Conversão para e-book: Marina Pastore

Revisão do e-book: Júlia Nejelschi

Direitos de publicação:

© 2018 Editora Melhoramentos Ltda.

Todos os direitos reservados.

1.^a edição digital, agosto de 2018

ISBN 978-85-06-08450-2 (digital)

ISBN 978-85-06-08405-2 (impresso)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 729 – CEP 01031-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

www.editoramelhoramentos.com.br

sac@melhoramentos.com.br

Estúdios Mauricio de Sousa apresentam

Presidente: Mauricio de Sousa

Diretoria: Alice Keico Takeda, Mauro Takeda e Sousa, Mônica S. e Sousa

Mauricio de Sousa é membro da Academia Paulista de Letras (APL)

Diretora Executiva

Alice Keico Takeda

Direção de Arte

Wagner Bonilla

Diretor de Licenciamento

Rodrigo Paiva

Coordenadora Comercial

Tatiane Comlosi

Analista Comercial

Alexandra Paulista

Editor

Sidney Gusman

Revisão

Daniela Gomes, Ivana Mello

Editor de Arte

Mauro Souza

Coordenação de Arte

Irene Dellega, Maria A. Rabello, Nilza Faustino

Produtora Editorial Jr.

Regiane Moreira

Layout e Desenho

Anderson Nunes

Cor

Kaio Bruder, João Peterson Mazzoco, Marcelo Conquista, Mauro Souza

Designer Gráfico e Diagramação

Mariangela Saraiva Ferradás

Supervisão de Conteúdo

Marina Takeda e Sousa

Supervisão Geral

Mauricio de Sousa



Condomínio E-Business Park - Rua Werner Von Siemens, 111

Prédio 19 – Espaço 01 - Lapa de Baixo – São Paulo/SP

CEP: 05069-010 - TEL.: +55 11 3613-5000

© 2018 Mauricio de Sousa e Mauricio de Sousa Editora Ltda. Todos os direitos reservados.

www.turmadamonica.com.br